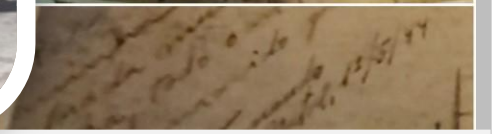
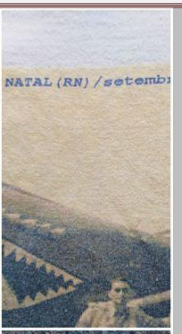


MEU PAI, O AVIÃO E OS ANJOS

Crônicas e artigos

Theresa Catharina de Góes Campos



Prefácio

A PRÁTICA, AS REVISÕES E A EXPERIÊNCIA: com o passar do tempo, aprendizado e aperfeiçoamento dos textos - Theresa Catharina de Góes Campos

(Amiga Theresa, seus escritos, com o passar do tempo, ficam ainda melhores, mais concisos, preciosos...lembram Graciliano Ramos sobre a arte de escrever: “Deve-se escrever da mesma maneira com que as lavadeiras lá de Alagoas fazem em seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”

Um abraço fraterno,

João Vianey de Farias)

Estimado João Vianey:

Agradeço a mensagem de incentivo, inclusive por ressaltar o conselho do romancista Graciliano Ramos, que ele próprio seguia. Graciliano Ramos costumava revisar os textos que escrevia, até se dar por satisfeito! As restrições dos jornalistas, porém, no exercício de seu ofício, incluem a pressão do tempo, o estresse da urgência. E também, a questão do retorno financeiro, efetuado só depois da publicação. Ao contrário dos escritores que conseguem adiantamentos das editoras para um livro a ser escrito.

Ao mesmo tempo, quem pretende se aperfeiçoar na escrita recebe, de especialistas, a orientação para aprender escrevendo. Enquanto se dedica a esse aprendizado, nem sempre o escritor consegue avaliar seus textos com a devida propriedade. Inúmeras obras foram descartadas devido a uma avaliação negativa que motivou a sua destruição, pelo autor ou por outros. O gosto das pessoas é diversificado, sofrendo alterações de épocas e contextos que, dinamicamente, seguem mudando. Há leitores, editores e críticos, com parâmetros diferentes nos objetivos e na formação cultural. Cada gênero (jornalístico, literário, dramático) se expressa por meio de linguagens específicas (conto, poesia, romance, ensaio, tese, peça de teatro, roteiro cinematográfico, discurso, aula, palestra, letra de música...), com propostas, duração de tempo, número de páginas variáveis.

Inovar as tradicionais regras de gênero pode se tornar, ainda, um desafio possível de realização, para os que têm o ofício de escrever. Mas não há garantias de sucesso. Ou os bons resultados permanecem inconclusivos, ou temporários. Talvez agradem a uns poucos, desagradando à maioria. Sem público nem leitores, mesmo nesse caso, prefiro aconselhar que será muito temerário destruir as páginas que alguém escreveu por acreditar que valia a pena escrever.

Encerro essas observações reafirmando a amizade de sempre.

Theresa Catharina de Góes Campos

De: Leman Pechliye

Data: 3 de março de 2017

Theresa,

Estou colocando em dia o atraso!

Já li seus textos, as poesias e os pensamentos... Concordo plenamente com seu amigo João Vianey!

(...)

Leman

De: Berê Bahia

Data: 6 de abril de 2017

Querida Theresa, assino embaixo das palavras de João Vianey.

Adorei a comparação das lavadeiras x escritor, só uma mente brilhante como a de Graciliano para engendrar esta metamorfose.

Abração,

Berê

Dedicatória

Em saudosa memória de meus pais:

Fernando Salvador Campos e Theresa Amélia de Góes Campos (Therezinha) - exemplos de amor recíproco, fé cristã e dedicação à família.

Homenagem

A todos que são injustiçados e perseguidos por suas virtudes, perseverança na prática do bem e decisões honradas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Campos, Theresa Catharina de Góes - Meu pai, o avião e os anjos /Crônicas e artigos

Ed. Theresa Catharina de Góes Campos, 2024 - Brasília (DF).

112 p. ; 15x21cm.

Capa e diagramação
Walter Rodrigues Ferreira

Conteúdo

Prefácio 2
Dedicatória 5
Homenagem 6
Ter e Viver com Glamour... Sempre! 11
Diálogo Sobre a Realidade do Tempo 14
As Lições do Tempo 15
O Naufrágio 21
Paterson 25
O Melhor Investimento: Saúde Física e Mental 27
Natal Sem Jesus no Presépio? 32
O Combate às Personificações do Mal em Luta Contra as Forças do Bem .. 34
Sem Fôlego 36
Os Recém-Chegados 37
Uma Janela e Duas Irmãs 41
"A Rodear Mares e Jardins", de Reynaldo Domingos Ferreira 42
Resgatar a Honra de Uma Palavra 47
A Excursão das Perguntas 50
Um Divisor de Águas em Minha Vida 51
O Sonho de Refúgio 53
O Educador e Seu Próximo 55
Em Uma Arandela, a Estrela Refugiada 57
Viagens Sentimentais 60
As Prisões Nossas de Cada Dia 62
Meu Pai, o Avião e os Anjos 65
Cortesia É Demonstração de Eficiência 71
Desapego ao Dinheiro 74

Ética no Jornalismo 76
"Rua Santa Gata ... e Outros Espantos" - Livro Mais Recente de Tereza Halliday 77
Reflexões Para os Dias de Hoje 82
Encontros de Metamorfose (em prosa e verso) 83
Antoine De Saint-Exupéry Vivenciou Tudo que Escreveu 89
Da Importância de Escrever Com Esperança 95
Conversa na Madrugada, Esperando a Hora do Trem 102
Posfácio 110
A Estrela de Natal e os Anjos Disseram... 110

Ter e Viver com Glamour... Sempre!

Eis que tomamos uma decisão que ilumina a nossa existência, num processo de viver com encanto e graça, realizando os projetos pessoais que nos fazem assumir o que somos em potencial.

Vamos seguir pela vida escolhendo bem, estabelecendo uma programação que respeite as nossas características e nossos gostos individuais, inclusive refletindo as ofertas da moda que nos valorizam. Nos modelos, nas cores e formas diversas, encontremos um estilo de afirmação a ressaltar tudo ...ou uma parte importante, do que podemos contribuir para a sociedade. Utilizar os produtos oferecidos para que enfatizem o nosso GLAMOUR com autenticidade tranquila, demonstrando segurança, ao mesmo tempo espontânea e planejada nos detalhes que indicam inteligência e maturidade.

Com o objetivo de continuar crescendo - em termos físicos, espirituais e mentais - vivenciamos a prática necessária de atividades físicas, inclusive com orientação especializada, para que o nosso GLAMOUR seja um espelho do que pensamos sobre a saúde como um conceito holístico, que abrange a dinâmica multidimensional de nosso corpo, merecedor de nossa atenção e cuidados preventivos, considerando que nos cabe a responsabilidade (primária, porque primordial e fundamental na sua essência) intransferível por nossa vida.

Enfim, uma mensagem para o mundo, transmitida a cada momento pela consumidora consciente de que as opções criativas ali estão para que possa se sentir , em todos os instantes e contextos, alguém cuja presença se impõe naturalmente, com personalidade própria acentuada pela competência na escolha do que veste, na maquiagem adequada e nos acessórios. Com todo esse conjunto de GLAMOUR, ela chega a

qualquer ambiente pronta para interagir sem medo. Porque sabe quem é, acredita no que faz, tem sonhos e se prepara, numa postura adulta, para seguir se aperfeiçoando...Uma coragem suave, tão fundamental ao dia a dia feminino, repleto de inúmeros desafios que se sucedem e nos tornam mais experientes com o passar do tempo.

Ser mulher e caminhar de acordo com as suas preferências. Mas sem esquecer de ampliar seus horizontes. Sem negligenciar a necessidade da leitura. Sem rejeitar as oportunidades para o aprendizado que leva ao aperfeiçoamento no âmbito cultural. Acreditando que as portas do conhecimento são múltiplas. E que as atitudes fazem parte do conceito existencial do GLAMOUR que se exerce na convivência. Não apenas o GLAMOUR visual. Mas, principalmente, demonstrando tal GLAMOUR na cortesia, no refinamento, na simpatia com que a mulher, em plena realização na comunidade, se dirige aos outros, não importando a sua condição socioeconômica, pois sabe tratar a todos com sensibilidade de coração. E com essa prática de uma rotina de solidariedade humanística para com o seu próximo, acontece a reafirmação do seu GLAMOUR, que se torna facilmente mais visível, porque multiplicado em ações de qualidade, excelência e cidadania..

O GLAMOUR que desfila, na pessoa que sorri porque sabe estar usando os melhores produtos, para circunstâncias, eventos e compromissos específicos, no lazer,nos estudos ou no trabalho, tem bases na realidade concreta dos materiais utilizados e nos avanços técnicos, industriais e científicos da atualidade. Ainda assim, esse GLAMOUR que todas nós desejamos ter, sonhando viver...SEMPRE com GLAMOUR..., ainda tem uma outra dimensão, que vai muito além ...porque também precisamos cultivar a espiritualidade que existe em cada uma de nós e poderá fazer brilhar, como estrela cintilante, a nossa presença feminina!

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 29 de julho de 2010

Diálogo Sobre a Realidade do Tempo

Criança de 8 anos, meu sobrinho-neto Samuel me fazia uma visita. Olhou a foto na parede do apartamento em que resido e me perguntou, com a espontaneidade característica de sua idade:

- Quem é esta pessoa, tia Theresa?

- Sei que fica difícil acreditar, mas sou eu, quando era jovem. O sorriso não mudou, você não acha? Agora, tenho cabelos brancos...porque muitos anos se passaram, muitos aniversários. Na vida é assim. O tempo vai correndo e fazendo diferença na gente, em nosso corpo, uma grande diferença. Você, por exemplo, já foi bem pequenino.

Minha explicação compreendida, logo iniciamos uma conversa sobre outros assuntos, de maior interesse para o jovem visitante.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 14 de outubro de 2017

As Lições do Tempo

O ex-aluno da Faculdade de Ciências Sociais veio me cumprimentar, afirmando ter me reconhecido de imediato.

Comentei com ele:

- Interessante, a sua certeza...fui sua professora na segunda metade da década de 80, quando eu pesava 20 kg a menos e não tinha tantos cabelos brancos, como hoje, aos 71 anos.

- Não tive dúvida. Reconheci os olhos, o sorriso, todo o seu jeito. De modo especial, o olhar.

A esposa, que o acompanhava, se apressou a me dizer:

- Ele costuma relembrar suas aulas. Diz que transmitia o conteúdo demonstrando ser uma pessoa apaixonada pelo que ensinava.

Confesso que senti grande alegria por esse encontro com o antigo aluno, agradecendo de coração ao casal pela iniciativa de me cumprimentar com palavras tão generosas.
No dia seguinte, um outro encontro me trouxe a experiência da realidade, em conversa com vizinhos, moradores do mesmo bloco residencial.

O marido me lembrou que eu já produzira um trabalho jornalístico e televisivo para sua empresa, sobre turismo, na década de 90.

Da esposa, fui professora em curso de especialização (pós-graduação lato sensu). Ela me disse não me ter identificado, a princípio,

precisando da minha confirmação sobre as aulas ministradas à sua turma de licenciatura.

- Você era magra, jovem, de porte altaneiro, parecia mais alta, entusiasmada...

Hoje, o tempo me dá lições. Há que ouvi-las. E louvar a Deus, pelo dom da vida.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 14 de setembro de 2016

De: Leman Pechliye
Data: 15 de outubro de 2017
Theresa,
(...)
Mesmo com seus cabelos brancos, você continua você!
Leman

De: Teresa Oliveira
Data: 15 de outubro de 2017
Não, Theresa! Você é essa foto! O sorriso é o mesmo, a beleza jovial está aí, dentro de você. Envelhecer é externo e nós somos, essencialmente, o que somos por dentro. Beijo e abraço da menina Teresa para a menina Theresa.
Deus te olhe!
Teresa

De: Dolores Moreira
Data: 16 de outubro de 2017

Que interessante este assunto sobre o tempo, senhora Theresa Catharina! Adorei ler, muito bom! Como é importante esta reflexão sobre o tempo em nossa vida. Abraço!
Dolores

De: Artemis Coelho
Data: 16 de outubro de 2017
(...) Que linda explicação.
Sua delicadeza, tanto na foto quanto na escrita, continua a revelar quem você é.
Abraço carinhoso,
Artemis

De: Aliris Porto Alegre dos Santos
Data: 17 de outubro de 2017
É, Theresa, as crianças sempre nos surpreendem com seus comentários.
Há poucos dias, minha neta, Isabela, chorava copiosamente no quarto; os pais quiseram saber o motivo e ela, entre soluços, disse que estava sofrendo muito. O motivo do sofrimento: ela não queria que a vovó Lilinha (eu) ficasse velha!
Por essas e outras é que adoro conversar com as crianças. Elas são lindas!
Um grande abraço,
Aliris
Blog Janelas da minha Alma
www.janelasdaminhalma.blogspot.com.br

De: Elizabeth Fernanda de Campos Barros
Data: 17 de outubro de 2017
Tia, eu gostei muito.
Vou mostrar para Samuel este texto. Penso que ele vai gostar muito.

Um beijo da sobrinha,
Elizabeth

P.S.
Samuel adorou!
Um beijo da sobrinha,
Elizabeth

De: Maria do Carmo Pereira Coelho
Data: 26 de outubro de 2017
Linda conversa!
Atenciosamente,
Maria do Carmo

De: bere bahia
Data: 14 de setembro de 2016
Só se cultiva de bom o que se plantou com amor...
Abração, Berê

De: Elizabeth Barros
Data: 15 de setembro de 2016
Tia, (...) é sempre muito bom ser reconhecida e lembrada como pessoa, amiga e professora.

Estou certa de que muitos pessoas a admiram e têm muito entusiasmo quando a encontram.

Um beijo da sobrinha, Elizabeth.

Ontem, no Pier 21, minha dermatologista, casada e mãe de duas crianças, me surpreendeu: ela estava com a filha pequena e veio falar comigo de forma tão carinhosa que um pesquisador do CNPq, sentado

em mesa próxima, no local em que ambos nos encontrávamos, ao observar a cena, me disse depois ter pensado que a Dra. Christiana fosse minha filha, e a garotinha de uns 6 anos, seria minha neta. Gentileza e carinho assim, tão visíveis em sua manifestação, não são momentos para serem esquecidos. Por isso aqui registro esse instante de generosa cordialidade para comigo.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 15 de setembro de 2016

De: Milza Guidi
Data: 19 de setembro de 2016
Quem planta boas sementes sempre colhe lindas flores. Parabéns. Merecido reconhecimento.
Milza Guidi

De: Heloísa Helena De Castro Guimarães
Data: 20 de setembro de 2016
O seu relato desta mensagem bem configura a efetividade do "processo de retorno", sabida a consideração e o respeito que usualmente dedica aos seus competentes médicos, que decerto lhe chegam pelas mãos de Deus.
Dra. Christiana, a cujos cuidados me submeti, por sua indicação, com ótimos resultados, é mesmo muito atenciosa e gentil.

(...)

Deixo-lhe um afetuoso abraço. A sempre amiga, apreciadora de sua nobre militância no bom jornalismo, a disseminar matérias verdadeiramente guiadas pela ética e solidariedade,
Heloísa Helena

De: Maria do Carmo Pereira Coelho
Data: 20 de setembro de 2016
Muito interessantes, essas lições. Parabéns!
Maria do Carmo

O Naufrágio

Éramos três irmãos - Victoria e Fernando José, ambos mais moços que eu -, chegando a Brasília com os nossos pais.

Comigo, eu trazia um corpo diferente. Com essa aparência física eu costumava ir, com a família, todas as manhãs, ao Clube Cota Mil, onde passávamos horas agradáveis (e saudáveis) na piscina. Nadar nos renovava...no corpo e no espírito.

Sim, naquela época, éramos três irmãos. E meu corpo era esbelto. Eu simplesmente aceitava com naturalidade essa bênção de nossa excelente condição física, pois não se via obesidade em nossa família. A obesidade nunca nos preocupou porque, com o peso sempre adequado, todos nós lhe desconhecíamos o rosto.

Até que, muitos anos depois, precisei sobreviver ao naufrágio de meu corpo antigo. Resgatei a minha vida, sem conseguir, até os dias de hoje, recuperar aquele meu corpo antigo, que naufragou, apesar de todos os meus contínuos esforços, inclusive com ajuda médica e o acompanhamento de professores de educação física.

Vou precisar esquecer o meu corpo antigo. Porque não consigo resgatá-lo. Do naufrágio, salvou-se apenas o sorriso. Uma lembrança bonita dos tempos em que éramos três irmãos. E nossos pais estavam conosco. Fernando José, infelizmente, deixou que o vício do cigarro lhe reduzisse o tempo de vida. Nossos pais também já morreram.
Continuam vivos em nosso coração, nas memórias que hoje nos acompanham em nossa imensa, dolorosa saudade.

Diante dessas perdas de tão grandes afetos, que nos causam profundo sofrimento, devo dizer que o naufrágio do meu corpo antigo, da minha

imagem física de quase cinco décadas, como pessoa esbelta, quase nada significa...

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo - SP, 18 de junho de 2013

*In memoriam:
Fernando José Salvador Campos (01/01/1946 -18/06/2007)

De: VICTORIA ELIZABETH de Campos BARROS
Data: 21 de junho de 2013 17:13
Querida Therezita, me comoveu bastante ler este belo texto, O Naufrágio, resgatando muitas lembranças e alguns períodos marcantes de nossa vida, ao lado dos entes queridos. Mudando de residência, fazendo novos amigos, tendo que se adaptar a diversas situações e transformações em nosso corpo e nossa alma. A felicidade está nestes pequenos momentos e nas lembranças que nos levam a reviver fatos importantes, que influenciaram nossa caminhada de vida e orientam nossos passos agora, pensando no futuro e no que poderemos deixar... Um beijo carinhoso da irmã Victoria.

Querida irmã Victoria:
Há dois anos eu tentava escrever esta pequena crônica. Mas não conseguia passar das três palavras iniciais, tal a emoção da saudade que me comovia. A introdução lembrava o contexto de nossa realidade familiar: uma relação fraternal, de 1948 a 2007, portanto, durante 59 anos, quase seis décadas. Para resolver esse impasse literário, porque o coração repetia "Éramos três irmãos" , precisei recorrer a um artifício, ou melhor, usei o recurso de abordar, para desbloquear a mente, travada pelo coração saudoso, como se fossem desvios, todos verdadeiros, outros temas e algumas conclusões,

igualmente autênticas. Agradeço a sua generosa compreensão, ao interpretar o meu texto. Com amor e carinho, Therezita

De: Suzana
Data: 22 de junho de 2013 04:16
Muito bonito e, realmente, escrever sobre uma coisa que a gente precisa encarar de frente nem sempre é fácil. (...) Bom fim de semana, Suzana

De: Liman Pechliye
Data: 22 de junho de 2013 03:25
Querida Theresa, não só você, mas a humanidade vai perdendo muitas coisas ao longo do tempo. Meu oncologista diz: (quando reclamo do meu corpo, da minha falta de energia, da minha falta de força, etc.) "Todos nós passaremos por esta ponte".

Você acha que o seu corpo naufragou, mas perguntou aos outros como enxergam você???
Acho você uma mulher forte, harmoniosa, com um rosto e sorriso belíssimo, gentil e educada; acima de tudo, boníssima!!! Além de tudo isso, é poetisa e escritora sensível, que na maioria das vezes, me comove profundamente. Resumindo, é um ser belíssimo!!!

Todos temos perdas, você foi salva do naufrágio, pois existem pessoas que perdem tudo, principalmente a dignidade e não têm absolutamente nada para contar!!!
São essas as palavras que lhe dedico, como amiga que a respeita, admira e lhe quer muito bem.
Leman

De: Milza Guidi
Data: 12 de junho de 2015

Muito belo, o seu texto. No balanço de perdas e ganhos da vida, você, com certeza, apesar das perdas, saiu ganhando!
Milza Guidi

Paterson

(Paterson - EUA, 2016 - de Jim Jarmusch, 118min.)

Direção: Jim Jarmusch
Roteiro: Jim Jarmusch
Elenco: Adam Driver, Golshifteh Farahani, Chasten Harmon, William Jackson Harper, Barry Shabaka Henley

Um filme notável, que narra com simplicidade a rotina de vida de personagens comuns. Obra sem apelo comercial para o grande público, revela um olhar mais profundo ao se fixar nas pequenas-grandes coisas de pessoas que realizam suas tarefas com tranquilidade, uma existência que também pode ser valorizada pela poesia do cotidiano quase sem surpresas.

"Se você um dia me abandonar / meu coração vai junto / e não conseguirei trazê-lo de volta"
(no cartaz de divulgação do filme de Jim Jarmusch)

"Paterson", uma pequena joia cinematográfica, minimalista e criativa, mostra-se um relato atento a sonhos, emoções e sentimentos.

O casal de protagonistas (Adam Driver, Golshifteh Farahani) tem um relacionamento amoroso de atenção e carinho recíprocos, demonstrando estabilidade afetuosa nos ajustes espontâneos do dia a dia, sem dificuldade, de um cônjuge à personalidade diferenciada do outro.

O cachorro de estimação, realmente bem treinado, mereceu ser premiado por sua participação no roteiro.

Destaques: direção, roteiro e interpretação.

Filme tranquilo e sereno, relaxante, bonito de se ver e prazeroso de apreciar com a sensibilidade necessária para enxergar o próximo como seres humanos únicos, no espaço deles e na convivência, em suas características próprias e dimensões pessoais muitas vezes surpreendentes na singeleza de seu brilho.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 27 de abril de 2017

O Melhor Investimento: Saúde Física e Mental

Escritora e jornalista, meus hábitos preferidos são a leitura, assistir a bons filmes, editar e produzir textos.
Tenho consciência, porém, da importância dos exercícios físicos para a saúde física e mental de todos nós. E da necessidade da orientação e supervisão de profissionais habilitados, nos quais acredito e respeito a formação acadêmica e sua experiência.

Aos 73 anos, completei 605 aulas de pilates (com aparelhos), praticando essa atividade física desde outubro de 2013, sob a responsabilidade da fisioterapeuta Monaliza Barbosa Arruda, minha professora desde o início. Lutando contra a obesidade, a epilepsia controlada e o hipotireoidismo, logo percebi os inúmeros benefícios com as aulas três vezes por semana, no Estúdio de Pilates Monaliza Arruda (Fashion Mall, Asa Sul - Brasília - DF), que tem uma ótima equipe de professoras, todas fisioterapeutas.

A prática de pilates (com aparelhos) me trouxe benefícios visíveis para minha qualidade de vida, em vários aspectos da rotina diária: melhoria na postura e no equilíbrio, assim como facilidade e segurança na realização de atividades funcionais com independência.

Até meus 49 anos, tive saúde, sem problemas com a balança e sem medicação (nem para dor de cabeça). Em 1994, porém, após uma convulsão, fui diagnosticada com epilepsia e comecei a tomar anti-convulsivos, com acompanhamento regular de neurologista. Paciente de câncer em 1998, com duas recidivas (em 2001 e 2002), passei por cirurgias e sessões de quimioterapia sistêmica. Em 2004, com 20 kg a mais de peso, abandonei o sedentarismo em definitivo.

Para essa mudança no estilo de vida, encontrei quatro excelentes profissionais aos quais devo uma homenagem especial: em Brasília, o fisioterapeuta Luciano Salgado Bitarães (In memoriam); e os professores de Educação Física Emerson Corona, Juliana Emiko Taroda e Ricardo Lima Gonçalves (meus personal trainers em São Paulo).

Considero-me bastante sensível e aberta a uma interação professor - aluno. Informo sobre as medicações que uso. Costumo levar cópias de resultados dos exames solicitados por meus médicos para também auxiliarem nas escolhas dos exercícios mais adequados, sua intensidade, duração e frequência. Esse acompanhamento das atividades físicas propicia uma atenção individual, que identifica os pontos fracos a serem desenvolvidos e quais os cuidados especiais para cada pessoa. Com essa transparência na partilha de informações, posso afirmar que nunca me lesionei ao realizar exercícios físicos, sempre sob a supervisão de professores qualificados atuando com responsabilidade.

Acredito que, para todos nós, o melhor investimento é na saúde física e mental. Não há riscos de perdas ou prejuízos, somente lucros e benefícios. Para viver melhor, minha escolha foi o pilates (com aparelhos). Quem investe em saúde nunca tem bons motivos para desistir.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 11 de fevereiro de 2018

De: Juliana
Data: 11 de fevereiro de 2018
Dona Theresa Catharina:

Que ótima “declaração”!
Muito bom para aqueles que relutam em realizar atividades físicas e também incentivo para quem está começando ou mesmo com algumas restrições!
Muito obrigada por sempre se lembrar de todos nós, profissionais de Educação Física e hoje seus amigos!
Um grande e forte abraço
Juliana Emiko Taroda

De: Theresa Catharina de Goes Campos
Data: 12 de fevereiro de 2018
Querida professora Juliana:
Como sempre, é uma alegria receber sua correspondência.
Que bom você ter apreciado meu texto, no qual descrevo a dura realidade de alguns problemas patológicos, mas destacando um caminho de possibilidades para soluções de sobrevivência e qualidade de vida por meio da prática de atividades físicas, orientadas e sob a supervisão de profissionais qualificados e responsáveis.
Não esqueço você, nem os professores que me indicou para também me darem aulas, aí em São Paulo. O meu "muito obrigada" continua se repetindo, nas boas lembranças que eu cultivo, mesmo com o passar dos anos e apesar da distância física, que não apaga minha memória de gratidão.
Que as bênçãos de Deus iluminem seus dias!
Beijo e abraço carinhosos de sua aluna e amiga,
Theresa Catharina de Góes Campos

De: Elizabeth Fernanda de Campos Barros
Data: 13 de fevereiro de 2018
Ótima matéria, Tia. Adorei!
Um beijo da sobrinha
Elizabeth

De: Monaliza Barbosa Arruda
Data: 13 de fevereiro de 2018
Excelente texto! Fico muito feliz por contribuir para seu bem-estar, mantendo a funcionalidade e qualidade dos seus movimentos.
Parabéns pela perseverança e disciplina que são essenciais para a melhora e manutenção da flexibilidade, força, do equilíbrio e da coordenação.
Obrigada pela confiança.
Monaliza Barbosa Arruda.

De: Berê Bahia
Data: 2 de abril de 2018
Querida amiga,

Com respeito e admiração pela sua coragem e altruísmo neste relato pessoal, no enfrentamento do que para alguns poderia ser uma tragédia, você encara com coragem e luta na busca de tratamento que permite melhor qualidade de vida e ainda dando exemplos de superação e reconhecimento à equipe de profissionais gabaritados que lhe cercam e contribuem para minorar o que poderia ser uma limitação e se transforma em superação.

Compartilho sua atitude, em momento algum soneguei, escamoteei ou escondi de amigos o câncer intestinal que me acometeu, bem como a cirurgia e os tratamentos que enfrentei. Também tive uma equipe fantástica de profissionais os quais me acompanham semestralmente na avaliação dos exames requeridos.

Na minha autoavaliação, pior que o câncer é a tristeza e a indignação que sinto ao vivenciar a realidade catastrófica que o país tem enfrentado, no conluio mesquinho e calculado na degradação física

dos bens e riquezas do patrimônio nacional, da perda da cidadania e dos valores morais e éticos, de uma casta predadora e venal que usurpa não só a dignidade mas principalmente as esperanças das gerações vindouras...

Este ano, após meu retorno da Bahia no final de janeiro, fui acometida de uma gripe insistente: após consultas e exames foi detectada uma "pneumonia atípica", da qual estou me recuperando. Minha médica homeopata está reforçando minha baixa imunidade com alimentação saudável e florais.

Enquanto durar o tratamento foi suspensa a hidroterapia e, para compensar, estou fazendo "Pilates" com a equipe que lhe assiste. Procurei a mesma em função do seu reconhecimento aos referidos profissionais. Obrigada pela dica.

Abração,
Berê Bahia

Natal Sem Jesus no Presépio?

Natal sem o Menino-Deus, sem gratidão nem compreensão do que o presépio e o nascimento de Cristo em Belém significam para todos nós, onde quer que vivamos, nunca foi, nem é Natal! Não importa o que digam as vitrinas comerciais e os anúncios publicitários, onde quer que estejam.

Mas ainda há esperança de vivermos o encontro com a família no santo presépio. Vamos nos unir aos Reis Magos que estão viajando, guiados por inspiração divina, por seus estudos e conhecimentos, conduzidos pela estrela de Belém, para adorar o Menino-Deus e lhe ofertarem, na tradicional festa da Epifania, as dádivas preciosas que trouxeram para a criança recém-nascida em uma manjedoura: incenso, ouro e mirra.

Se nós colocamos, com antecipação indevida, já no mês de novembro, a decoração natalina, sem esperar os quatro domingos do Advento, em dezembro, e não acendemos, em momento de meditação e prece, a cada domingo, uma a uma, as velas da Guirlanda do Advento - um belo costume, cultivado pelas famílias que praticam o verdadeiro espírito do Natal, inclusive se preparando espiritualmente para celebrá-lo em toda a profundidade de seu significado bíblico, podemos agora acompanhar os Reis Magos e, somente no início da segunda quinzena de janeiro desfazermos a decoração natalina de nossas casas.

Quanto a mim, após ler sobre uma senhora mineira que mantém o santo presépio durante o ano inteiro, sem jamais desmontá-lo, decidi, há alguns anos, acompanhar o seu belo exemplo. Portanto, durante o ano inteiro, quem entra em nossa residência vê a cena singela de uma família que se apresenta ao mundo com a missão de transformá-

lo...ali, não falta hospedagem para o carpinteiro José, sua esposa Maria e a criança recém-nascida.

Num cenário de carência material, em ambiente despojado de vaidades e sem qualquer elemento supérfluo, encontramos no presépio os valores espirituais - permanentes - de que a humanidade tanto precisa. Toda a plenitude do amor que redime e salva! Feliz Ano Novo! Feliz Epifania!

Theresa Catharina de Góes Campos
Recife-PE, 30 de dezembro de 2011

De: Zuleica Fisher
Data: 3 de janeiro de 2012 09:23
Para: Theresa Catharina de Goes Campos
Obrigada cara amiga pela linda e verdadeira mensagem de Natal.Estou perfeitamente de acordo e retribuo os melhores votos desta festa tão deturpada pelo aspecto capitalista.

Abraços
Valmor e Zuleica

De: MIRTÔ FRAGA
Data: 18 de janeiro de 2012 10:43
Belíssimo texto. Parabéns, também, por manter armado durante o ano inteiro o presépio. Lindo e comovente gesto.
Abrs.
Mirtô

O Combate às Personificações do Mal em Luta Contra as Forças do Bem

A presença permanente do mal, neste mundo em que vivemos, é uma verdade que, muitas vezes, preferimos ignorar ou, de fato, não sabemos reconhecer, o que não muda uma realidade apavorante.

Os filmes de terror com personagens fictícios monstruosos em histórias de ficção não amedrontam tanto quanto as tragédias provocadas por pessoas de carne e osso que, muito manipuladoras, não sentem culpa pelos crimes que praticam de forma repetitiva.

O psicopata entra em ação, e consegue nos surpreender quando ataca, porque se revela como tal quase unicamente após abater as suas vítimas.
Insidioso, traiçoeiro, amante de marcas e disfarces invisíveis, recursos que sabe utilizar com maestria. Eficiente nos diálogos de palavras melífluas, planeja o espaço onde colocará as armadilhas fatais.
Mente perigosa a dirigir todos os seus passos planejados, se expressa em gestos que podem ser rápidos, entretanto, têm efeito duradouro.

Na sociedade e na vida do ser humano, o mal se torna absolutamente devastador. Esgueira-se, convence ao mentir, perturba, lança dúvidas, engana. A calúnia é uma das armas que utiliza, sem piedade, na teia urdida que propicia outros males. Os caluniados agonizam lentamente, perdem espaço, se desesperam ao não encontrarem solidariedade, sentem-se isolados, morrem todos os dias.

Todavia, as forças do bem, igualmente presentes em nossa existência, vencerão a batalha final. Conservemos, portanto, sem vacilar, a nossa fé em Deus.
E continuemos a fazer as nossas orações.

Que São Miguel Arcanjo, anjo de luz a serviço das ordens divinas, esteja a nosso lado enquanto caminhamos nestes tempos perigosos; que ele nos torne invisíveis aos que insistem na prática de ferir, magoar o próximo; que a espada desse anjo, incansável guerreiro do bem, nos ajude a fugir, com êxito, das personificações maléficas, a escapar das ações de psicopatas, assim como a resistir, incólumes, a todos que pretendem e podem nos fazer o mal.

Príncipe da Milícia Celeste, guarda e protetor de nossa vida, com a sua espada e o seu poder, concedidos por Deus, retirai esses agentes do mal, dos caminhos que estivermos percorrendo.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 27 de outubro de 2014

De: Joao Vianey de Farias
Data: 3 de novembro de 2014

Theresa,
O que podemos dizer: AMÉM!!!!
João Vianey de Farias

Sem Fôlego

(Wonderstruck - EUA, 2017 - de Todd Haynes, 117min)

Ben e Rose são crianças de épocas diferentes que, por iniciativa própria e secretamente, também desejam vidas diferentes. Ben anseia pelo pai desconhecido, enquanto Rose sonha com uma atriz misteriosa. Quando Ben descobre uma pista em um livro de curiosidades, e no momento em que Rose lê uma notícia no jornal, ambas as crianças partem em jornadas que transcorrem com uma simetria, em vários aspectos, fascinante .

Elenco:Julianne Moore, Oakes Fegley, Millicent Simmonds, Jaden Michael, Cory Michael Smith, Tom Noonan, Michelle Williams

Direção:Todd Haynes
Roteiro: Brian Selznick
Produção: Christine Vachon, Pamela Koffler, John Sloss

Inspirado no livro SEM FÔLEGO (Wonderstruck, no original)
de Brian Selznick.

Recomendo "Sem fôlego" para todas as idades, por ser um filme inteligente e criativo, sem apelações, que acompanha as dificuldades da surdez vivenciadas pelos jovens protagonistas da história. Destaca a importância dos laços afetivos, a necessidade de amigos. Livrarias, museus e obras literárias enriquecem a narrativa, sendo fios condutores no roteiro comovente. Uma pequena joia, com brilho próprio.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 06 de fevereiro de 2018

Os Recém-Chegados

(miniconto)

Não vieram me fazer uma visita social, nem chegaram como hóspedes convidados ou como vizinhos me solicitando ajuda, nem me pedindo algo emprestado. Vieram para ficar, viver comigo, adequados à minha rotina, embora com vida própria, autêntica. Encontraram o seu espaço, que ocuparam harmonizados ao ambiente.

Os recém-chegados são bem tranquilos. Inspiram uma sensação de alegria e paz, transmitindo lirismo com serenidade, perfeitamente integrados à paisagem interior da residência.

"Corajoso", o pequeno cão São Bernardo, uma raça canina natural dos Alpes suíços, nem discutiu comigo, aceitando o cantinho que escolhi para ele, pertinho do sofá. Assim, de tão à vontade, dá a impressão de ter sido uma escolha sua, ficar na sala, como lugar preferido, próximo à entrada do apartamento.

Entre as características da raça, vigilante e muito ativa, inclui-se uma excelente habilidade no trabalho de resgate, assim como um temperamento dócil, calmo e amável. Um bom animal, que não dá trabalho, nem perturba o dia a dia de uma casa, enfim, semelhante a toda "pessoa do bem". Nem poderia ser diferente, quando recordamos que os cães São Bernardo se tornaram célebres por saírem vencedores em situações dificílimas, nos desafios que enfrentam para resgatar acidentados na neve, inclusive após avalanches.

O meu "Corajoso" tem uma respiração pausada e regular, em seu encantador "repouso do guerreiro".

Quando regresso ao apartamento, mesmo ao contemplar o cãozinho dormindo, tenho a impressão reconfortante de que me recebe, pois não se deixa perturbar pelo som da porta que abre e depois se fecha. Meu olhar vai primeiro para ele, imperturbável no sono. Um encontro no silêncio. Uma compreensão entre dois seres diferentes, compartilhando um espaço residencial.

Ao sair, meus olhos levam comigo a sua imagem de tranquilidade, que me inspira confiança.

"Corajoso" não chegou sozinho. Com ele vieram quatro peixinhos coloridos. Coloquei o pequeno aquário em lugar estratégico, visível do corredor - no espaçoso banheiro social.

Os que me visitam afirmam se encantarem com essas novas presenças na casa. Já os trouxe com os nomes escolhidos: o cãozinho da raça São Bernardo, "Corajoso", mais os pequeninos na água - Esperança, Alegria, Entusiasmo e Amor. A qualquer pessoa eu recomendaria todos eles como hóspedes residentes que em nada perturbam e contribuem para manter um ambiente de harmonia saudável.

Significativo para mim foi o lugar onde os encontrei: na livraria preferida, entre centenas de livros e dezenas de outros artigos (presentes e produtos de papelaria).

Podem acreditar em todos os detalhes desta história verdadeira. A quem me pergunta se o São Bernardo e os peixes coloridos são "de verdade", logo explico:

"Sim! Na fantasia e nos sentimentos de minha imaginação, eles têm vida!"

De: Hercilia Lopes Lopes
Data: 10 de fevereiro de 2014
Oi, Theresa, obrigada pelo seu texto OS RECÉM-CHEGADOS (miniconto). É de belas palavras que devemos nos rodear.
Já li o livro "Território da Fantasia", de Ceres Alvim, e volto a te agradecer por tão agradável leitura.

Abraços,
Hercília
De: Elizabeth Barros
Data: 28 de fevereiro de 2014

Querida Tia Therezita, eu achei maravilhoso, este texto da senhora sobre os peixinhos e o cãozinho São Bernardo, que estão em sua casa.
Foi uma idéia ótima da senhora comprar esses lindos companheiros.
Um beijo, da sobrinha Elizabeth.

NOTA DA EDITORA:
Minha irmã Victoria me surpreendeu, um ano depois, ao me pedir para que eu encontrasse, para ela, um cãozinho "igual ao seu, só quero se for igual ao que você tem!", me disse, determinada em sua exigência.
Enfrentei uma certa dificuldade, no início da busca, mas consegui achar, em uma papelaria, um animal igualzinho ao meu, para presenteá-la. Contente, Victoria logo me informou que havia escolhido o nome bíblico "Filêmon" para colocar no filhote de São Bernardo.

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília - DF, 15 de março de 2015

De: Monaliza Arruda
Data: 21 de julho de 2015
(...)
Linda, a descrição sobre os "fofos" moradores de sua casa. (...)
Monaliza

Uma Janela e Duas Irmãs

Nossos pais determinaram que, para uma convivência pacífica e justa entre as irmãs, e como a mais velha, eu, sentia frio, ao contrário da caçula, que habitualmente reclamava do calor, deveríamos alternar: uma noite a janela ficaria fechada, na noite seguinte, aberta. Dormimos sempre assim, as duas irmãs, da infância ao casamento da caçula, esta a primeira dos três irmãos a se casar. Ano após ano, no quarto tranquilo, nas muitas cidades em que vivemos, compartilhávamos o quarto e nos deitávamos em camas paralelas. E fomos as melhores amigas, uma da outra. Personalidades diferentes, mas educadas com equidade e dedicação amorosa de nossos pais.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 15 de maio de 2017

De: Leman Pechliye
Data: 16 de maio de 2017
Bonito! Sessão nostalgia!
Lembrei da minha juventude, quando eu e minha irmã dormíamos no mesmo quarto. Eu acordava muito cedo, quatro horas da manhã, tinha que acender a luz pra me vestir... Ela reclamava muito disso! Apesar de tudo éramos muito unidas!
Leman

De: Elizabeth Barros
Data: 17 de maio de 2017
Tia, gostei muito destas suas lembranças, que vieram como um poema. Recordações de uma infância feliz são bênçãos maravilhosas! (...)
Um beijo da sobrinha,
Elizabeth

"A Rodear Mares e Jardins", de Reynaldo Domingos Ferreira

O escritor, jornalista e advogado Reynaldo Domingos Ferreira, autor de obras publicadas - em gêneros literários desde peças de teatro, poesia e memórias, ao "Dicionário da Dívida Externa Brasileira", tem novo livro editado:

"A Rodear Mares e Jardins".

O título, conforme explica Reynaldo Domingos Ferreira, " surgiu de uma expressão - a rodear jardins - regularmente usada pelo padre Antônio Vieira para significar divagação ou andar sem rumo."

A RODEAR MARES E JARDINS reúne três narrativas de viagens: a primeira, a Nova York, com o Coro Sinfônico da UnB - para cantar no Carnegie Hall; a segunda, ao Vale do Loire, com um grupo de vinte pessoas de Brasília; e a terceira, a bordo do veleiro Beethoven, atracado na marina de Puerto La Cruz, na Venezuela, a convite de um amigo para velejar no Mar do Caribe.

Os relatos minuciosos dessas três viagens nos demonstram a cultura enciclopédica de Reynaldo Domingos Ferreira, já bastante conhecida pelos admiradores de outros textos de sua autoria.

Aos leitores desavisados, a evocação lírica do título talvez engane, de início, porque antecipariam uma leitura de roteiros poéticos. Embora se possa, a qualquer momento, enxergar poesia em tudo que encontramos, o que se comprova nas páginas de A Rodear Mares e Jardins, onde a poesia se faz presente, noite e dia, na tristeza e no entusiasmo, na solidão e no convívio humano.

Na obra repleta de informações, vê-se que o escritor, em seus relatos de viagens, faz observações sobre: urbanismo e arquitetura, fatos e personalidades, administração federal e municipal; literatura universal, história e música; enologia, gastronomia e hábitos alimentares; botânica, geografia física; biografias e crítica literária; artes plásticas e cênicas (teatro, dança e cinema); biografias, costumes, comportamento e política; mobiliário e decoração; características e tendências econômicas, oscilações do mercado!

Longe de casa, o viajante Reynaldo Domingos Ferreira não se manteve afastado intelectualmente do Brasil. Em várias oportunidades, fez comparações no tempo e no espaço.

Ao longo de seus itinerários, o escritor mantém o hábito de comprar jornais, acompanha editoriais e notícias publicadas na imprensa dos países visitados. A ênfase maior, contudo, ele coloca além das modernidades e dos avanços tecnológicos - está nas pessoas, nos encontros e relacionamentos. Comparece a um casamento, vai ao cinema, canta ao lado de novas amizades, conversa sobre livros e a cultura dos povos, posiciona-se na questão separatista dos bascos, visita museus e assiste a uma ópera, na companhia de amiga.

Em A Rodear Mares e Jardins, somos convidados a empreender, prazerosamente, a leitura do que seria identificada, se o objetivo fosse a publicação na imprensa, como uma série de reportagens especiais, escritas com erudição - jornalismo cultural, realizado com olhar atento, em atitude ativa, com a reflexão crítica que abrange os detalhes inseridos no conjunto interpretado, sem faltar uma análise que considera as observações na perspectiva necessária. Aqui não está ausente a coragem das opiniões pertinentes, fundamentadas com objetividade.

A realidade surge como tela viva, emoldurada por contexto específico.

As numerosas citações, eficientes e apropriadas, mostram-se absolutamente adequadas, acrescentando beleza e sensibilidade às narrativas.

Em Nova York, a música é o fio condutor a reger a programação, portanto, exerce com elegância a função de protagonista.
Ressalta-se ainda, nessas páginas, um poema de Reynaldo Domingos Ferreira; com o registro de textos reproduzidos no latim original; e a descrição dos acontecimentos que precederam a viagem, dos antecedentes das decisões, das providências para que a apresentação do Coro Universitário da UnB se concretizasse, apesar das inúmeras dificuldades em conseguir patrocinadores. Os interesses políticos, em sua maioria camuflados, por isso desconhecidos pelo grande público, compõem os bastidores, aos quais se acrescentava a influência do grupo religioso frequentado por alguns personagens.

Na segunda viagem (Ao Longo do Vale do Loire), a narrativa mostra, em destaque, a enologia e a gastronomia.
Reynaldo Domingos Ferreira descreve as características dos famosos vinhos franceses, o cultivo, os diferentes processos usados na fabricação dos vinhos, as adegas e a rotina dos viticultores; assim como os saborosos cardápios, servidos aos turistas durante o itinerário.

Castelos, igrejas, capelas e catedrais também estão no roteiro, que se curva à beleza dos templos franceses. O autor afirma sua preferência pela Catedral de Saint-Étienne: "uma das mais belas da França".

Visitando com o narrador os locais em que se reverencia a corajosa e piedosa guerreira Joana d'Arc (1412-1431), recordamos as batalhas

que a jovem heroína liderou, as ciladas de que "A Donzela de Orléans" foi vítima e tantos sofrimentos lhe causaram, na sua breve existência.
Reynaldo Domingos Ferreira também registra o reconhecimento de Jules Michelet como o melhor biógrafo de Joana d´Arc.

Na terceira viagem, o tema não é apenas a experiência de velejar no Mar do Caribe. Sobressai a inquietação do escritor ante o cenário desolador da situação política na Venezuela, presidida pelo ditador Hugo Chávez, seguidor de Fidel Castro. Dramas e tragédias, nesta última parte do livro, inclusive as condições de pobreza e ausência de serviços básicos para a população, estão paralelamente descritos às muitas oportunidades de convivência tranquila, conversas e refeições partilhadas com velejadores e seus familiares.

A Rodear Mares e Jardins, de Reynaldo Domingos Ferreira, me levou a evocar, em uma extraordinária peregrinação no tempo: os artistas rupestres, que transmitiram movimento a seus desenhos nas cavernas pré-históricas; as viagens do fabulista Esopo, na Antiguidade; os jograis, menestréis e trovadores medievais, que visitavam castelos e vilas, acompanhados de sua música e poesia, observando e trocando informações preciosas.

E a evocação de outro viajante, o jesuíta missionário e dramaturgo Padre José de Anchieta, que escreveu cartas, sermões, poesias e uma gramática da língua tupi.

Encerro esta primeira leitura de A Rodear Mares e Jardins (o livro merece mais, por ser tão agradável e pleno de informações) com a nítida impressão de que Reynaldo Domingos Ferreira, nos relatos de suas três viagens, demonstrou, em todos os momentos, vivenciar essas experiências como um capitão de barco que, com mar tranquilo ou

agitado, entre calmarias e tempestades, com maturidade e destemor registrou "quase tudo", em seu "diário de bordo".

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília, 9 de janeiro de 2012

Resgatar a Honra de Uma Palavra

Uma palavra vitoriosa através dos séculos - política - precisa de nosso empenho para o resgate de sua dignidade. A valorização necessária, que os tempos de hoje exigem de nós, começa por uma reflexão crítica do nível de afirmação de nossa cidadania.

Muitos não conhecem o significado etimológico: historicamente, POLÍTICA é a arte de promover o bem comum. Esse legado cultural nós devemos à civilização greco-romana que, na Antiguidade Clássica Ocidental, definia a pessoa humana em sua condição de cidadã, portanto, em suas relações com a "polis", sua cidade, em contexto de direitos e responsabilidades. Em textos do século IV a.C., filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles já ensinavam de acordo com uma perspectiva universal, com propostas de atitudes e pensamentos mais avançados e permanentes que as conquistas violentas, imperialistas dos exércitos gregos.

O motivo de nossas considerações está na deterioração que a palavra POLÍTICA vem sofrendo, ao assumir uma conotação negativa, relacionada às ações nada louváveis de candidatos e ocupantes de cargos públicos envolvidos em atos de corrupção dos mais variados tipos, iludindo, mentindo, praticando a ambiguidade de atitudes em nome de interesses inconfessáveis.

Embora as Universidades ofereçam Departamentos e Cursos de graduação e pós-graduação na área de Ciência Política, os cidadãos leigos continuam a utilizar o vocábulo POLÍTICA de forma preconceituosa. Assim, quando alguns denominam organizações, movimentos e ações como "políticas" com a pretensão de desmoralizá-los, ou numa tentativa de convencer os desavisados no sentido de negarem apoio ou sua solidariedade ativa, alegam que as

razões daquelas manifestações são "políticas". Utiliza-se tal artifício vocabular para indicar o que seria uma ausência de fundamentação legítima. Acontece que a POLÍTICA trata da sociedade, de suas relações com o Poder e com o Estado, bem como dos direitos, de garantias e deveres dos cidadãos, no seu contexto histórico-legal e sócio-econômico. Males e benefícios, quase todas as conquistas sociais, em sua aplicação na vida de qualquer pessoa, envolvem aspectos e consequências políticas.

Bertolt Brech lembrou a responsabilidade de cada um de nós, denunciando a omissão: "O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político (...) se orgulha e estufa o peito, dizendo que odeia a política. Não sabe (...) que, da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaio das empresas nacionais e internacionais."

De forma proposital ou não, os que se declaram viver com atitudes "não-políticas" estão reconhecendo a própria alienação, ignorando os benefícios advindos à sociedade pela atuação de movimentos políticos como a Renascença, a Revolução Americana, a Revolução Francesa e muitos outros que a História registra.

Voltando a citar Brechet: "A verdade é filha do Tempo", não deveríamos admitir o esquecimento das ações políticas de líderes como Simon Bolívar, Tiradentes e os Inconfidentes de Vila Rica, Frei Caneca, Evaristo da Veiga e tantos outros exemplos memoráveis de "interferência" no status quo. As campanhas de abolição da

escravatura, do sufrágio universal e contra o "apartheid" sul-africano foram, todas, políticas.

O Cristianismo também, ainda que seja uma transformação espiritual, continua atuando, por meio de suas lideranças clérigas e leigas, em dimensões político-sociais, denunciando situações e práticas de desrespeito à pessoa humana, exigindo mudanças em governos e legislações, visando à correção de injustiças, conclamando adeptos a trabalharem em prol dos irmãos carentes e das comunidades menos favorecidas ou negligenciadas.

Não sejamos alienados. Demonstremos nossa conscientização, engajemo-nos na promoção do bem comum, missão em conformidade com o mais autêntico significado desta palavra de nobreza histórica: POLÍTICA.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, junho de 1991

A Excursão das Perguntas

As jovens formavam um grupo de amigas bem unidas. Resolveram organizar uma viagem interessante para as férias. Em suas maletas para a excursão, todas se dispuseram a colocar os instrumentos necessários: curiosidade, entusiasmo e paciência. Animadas, inspiradas pelos sonhos de aventura, partiram à procura de respostas. Em seus planos, esperavam também encontrar gente sábia para lhes ensinar mais conhecimentos.

Quando retornaram à cidade, trazendo excesso de bagagem, continuavam inspiradas na busca do saber. Todavia, os Acomodados que as conheciam estranharam, surpresos, que tivessem regressado com poucas respostas e o dobro dos questionamentos.

Os decepcionados com o resultado aparentemente insatisfatório da viagem de estudos não compreendiam o entusiasmo das Perguntas sobre o aprendizado da excursão.

As Perguntas não se perturbaram, porém. Afinal, elas aprenderam que tanto as dúvidas como as perguntas inspiram e conduzem aos campos de pesquisa, onde algumas respostas poderão um dia ser encontradas.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 02 de novembro de 2016

Um Divisor de Águas em Minha Vida

Não foi apenas encantamento o que senti ao assistir tantas vezes, no cinema, ao filme "Imensidão Azul", de Luc Besson.

"Imensidão Azul" (Le grand bleu/The Big Blue – França,1988) representou um divisor de águas em minha vida!

Aprendi a me aceitar, a conviver comigo 24 horas, sem deixar que as rejeições, as maldades e as indiferenças encontradas no mundo me impedissem de me apreciar e viver tudo que sou como pessoa, missão, vocação e potencialidade.

Continuei convivendo. No entanto, deixei de esperar aceitação, de aguardar retorno e até de tentar mudar a frieza, alienação e indiferença de alguns. Passei a gostar de mim, a me valorizar.

A abertura para o meu próximo continuou a existir, de minha parte, porque tal disponibilidade para os outros é um dos componentes fundamentais de minha personalidade social.

Vivo como sou. Não mudei o que sou. A grande mudança foi eu me sentir viva sem depender dos sentimentos do próximo a meu respeito. Passei a ser feliz em contemplar meu íntimo, para crescer e aprender, a ter orgulho de ser independente interiormente, capaz de atender às minhas necessidades como ser humano individual, responsável por meu crescimento pessoal, profissional e cultural.

Percebi, então, o significado positivo da solidão: o tempo que ganhamos para ser, refletir, apreciar, elaborar decisões, planejar atitudes. Antes, eu perdia muito tempo me esforçando demais em prol dos que nem mesmo precisavam de mim... Para que tanto esforço

inútil? Compreendi que eu precisava bem mais de atenção e carinho interiores. E passei a não mais me negligenciar!

Do mergulho nas imagens, nos sons e na história de "Imensidão Azul", consegui reverter a profunda tristeza que ameaçava me afogar. Emergi inteira, disposta a não repetir erros, amadurecida, revigorada, e ainda mais fiel ao que sempre fui, no que tenho de melhor em mim.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 10 de abril de 2008

O Sonho de Refúgio

(miniconto)

A Sra. Palavra viajou durante alguns anos, constantemente emigrando em razão da abundância de ruídos padronizados, grupos violentos e políticas silenciosas - mas ditatoriais - dos comitês onipresentes de oposição ao diálogo. Vendeu por vinténs seus parcos recursos. A peso de ouro, pagou sua aventura homérica sem destino certo. Passou por sofrimentos inimagináveis que o pudor ainda a impede de relatar. Quase sem voz, pensa que, afinal, parece ter chegado a um porto tranquilo, bem distante do circo de horrores que a expulsara de onde antes residia - o lar de raízes fortes, enriquecido por tradições, herança linguística, nomes e rostos habituais.

Exausta, disfarçou a impaciência. A espera foi longa, no entanto, não recebeu o acolhimento sonhado... Embora tudo parecesse bem organizado, em lugares vazios ou lotados, nem era notada. Conseguiu depois embarcar em trens abarrotados de pessoas a seu redor e lado a lado, onde barulho não faltava. Escalas e desembarques se sucederam, sempre tangida como rebanho sem pastor, prejudicada pela ausência de documentos pessoais para se apresentar. Quando a Sra. Palavra tentava falar, não a compreendiam.

Os interlocutores - repetitivos, lacônicos! - exigem o preenchimento de formulários extensos, confusos para a Sra. Palavra responder, preocupantes - sem o incentivo tácito de uma atitude de acolhimento, sem a simpatia de um sorriso.

Ela continua exausta, assombrada pela percepção da qual não consegue se livrar: sente-se desgarrada, como se fosse um hieróglifo à espera de intérprete com sabedoria para decifrá-lo. Não consegue esclarecer a si mesma o porquê de não ser uma pessoa bem-vinda ao refúgio sonhado. Perturbada, conclui: encontrar abrigo, neste mundo de solidão barulhenta, em ambientes desprovidos de empatia, sem condições para se iniciar um diálogo, lhe parece agora uma utopia.

Ninguém a ouve terminar uma resposta, explanar o pensamento, nem lhe prestam qualquer atenção.

Como lidar com indivíduos posando de poderosos, de ouvidos fechados, olhos sem visão, exibindo um ar de suposta superioridade e demonstrando um coração empedernido também adormecido?

A Sra. Palavra se cala. Apavorada e talvez por esgotamento físico-emocional, a Sra. Palavra vai empalidecendo, desfalece...

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 16 de fevereiro de 2016

O Educador e Seu Próximo

O tempo, a atenção e o espaço que dedicamos aos outros enriquecem a nossa existência.

A experiência humana de olhar, ver e sentir com intensidade amplia-se e se aprofunda quando nos valemos das experiências igualmente ricas de outras pessoas, que expressam a sua vivência de modo particular e nos comunicam o que aprenderam, contribuindo, assim, para a nossa educação como indivíduos inseridos num contexto social.

A arte, além de ser criação por excelência, também é, fundamentalmente, CRIADORA... e, sendo criadora, EDUCA: eleva, liberta, faz crescer, sublima.

O educador estabelece a comunicação e conduz à criação. Os olhos do educador vêem muito além das aparências: o educador vê e pressente o que os outros não parecem enxergar, perceber... ou fingem ignorar.

O educador apóia antes dos aplausos da multidão: quem exerce a missão de educar não inveja, disciplina, critica de forma generosa e numa perspectiva do crescimento possível; faz sugestões, bate palmas com entusiasmo, admira no íntimo, e também, externamente.

O educador é aquele que vê, nos outros, as potencialidades de cada um e, ao invés de ignorá-las ou negligenciá-las por inveja ou comodismo, se empenha para não deixar que morram no silêncio: procura ajudar... para que as qualidades se transformem em realizações.

Para quem educa, todo amanhecer é um caminhar em direção à beleza arrebatadora (e inquietante) do pôr-do-sol.

E o educador repete, sem jamais se fatigar ou desistir: o que temos pertence aos outros - daí o dever de partilharmos... Com exclusividade, só nos pertence o que ainda não conquistamos. Cabe a nós a visão do trabalho associada aos sonhos e ideais.

O esforço é de cada um, mas a vitória ilumina todos nós, irmãos e parceiros, na caminhada pela vida.

Theresa Catharina de Góes Campos

Programa "Educar é crescer" - produção e redação de Theresa Catharina de Góes Campos

Rádio Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco

Recife - PE, 1969

Em Uma Arandela, a Estrela Refugiada

(miniconto em verso e prosa)

Já no entardecer, ao titubear,
no gaguejar das penumbras
a sombra claudicante revela
os mistérios de uma arandela.

Trazida por mãos amigas, a peça antiga, em madeira, encontrada na simplicidade enriquecedora de um vilarejo que se esconde nas dobras do tempo, no interior de Minas Gerais. Todavia, a roca de fiar poderia vir de qualquer outro lugar, de outros endereços, sem nome de rua ou número de casa. Já foi popular. Uma presença comum, obrigatória, nos lares e nas fazendas de outrora.

Trêmula, uma arandela ilumina, na varanda, a roca de fiar.

Exibindo arabescos na estrutura metálica, esses recortes nas laterais da arandela revelam segredos, entrevistos nas aberturas dos desenhos...

Sofrendo de ansiedade, uma diminuta estrela se refugiou na arandela, ainda em pânico, depois que, surpreendida por uma experiência de explosão nuclear, ficou aterrorizada.Testemunha relutante, com medo de relatar, buscando esquecer o que viu. Hesita em depor sobre o que não consegue compreender.

Na varanda, a roca de fiar - iluminada
por uma pequena estrela atormentada -
foi colocada em posição privilegiada.

À sua frente, o que se vê faz bem aos olhos. Acredito que também pode trazer a cura emocional a quem escolheu continuar a brilhar, mesmo escondida.

No meu jardim terapêutico, imaginário, mas nem por isso menos verdadeiro, há um canteiro só de livros (os favoritos, os mais queridos, com anotações manuscritas e trechos sublinhados), ao lado de outro canteiro, exclusivo para cartas e bilhetes que considero importantes demais para serem jogados fora. Na estufa, estão protegidas as sementes dos projetos sonhados.

Em mais um outro recanto, ficam as fotos, trazendo as memórias do tempo veloz e fugidio. Nessas fotografias, as recordações visuais, evocadoras de instantes e rotinas, recuperadas pelo nosso olhar de carinho e saudade, fazendo voltar, para uma visita cordial, um "chá das cinco", os anos que se foram e, na realidade, não retornam mais . Depositários de sua herança, um tesouro impossível de contabilizar, somos herdeiros das lições de vida que nos deixaram.

Mais adiante, vivem as flores, em áreas separadas por espécie, cores e tamanhos; junto a uma incubadora espaçosa de lagartas, à espera do tempo certo para a metamorfose em borboletas. Para acompanhar o voo dos anjos, as borboletas abrirão as asas em voos coloridos.

Tudo parece organizado, no entanto, os vagalumes ignoram os limites dos canteiros, as restrições da estufa, exercendo a liberdade de movimentação, na espontaneidade da alegria com que percorrem o terreno.

Na contemplação da saudade,
sinto a bênção do vento em ação,
a espalhar o perfume das rosas.

Não consigo impedir, porém,
que o dinamismo da ventania
fragilize ainda mais, com vigor,
todas as flores ali cultivadas.

No ostracismo a que ficou relegada,
permanece em repouso a roca de fiar,
esquecida, a evocar outras épocas.

Uma imagem de ausências. De muitas arandelas. Sem estrelas refugiadas recebendo abrigo e proteção. Despertando, no entardecer do dia e nas alvoradas, o nosso respeito por uma luz que, em seu recolhimento,
nos ajuda a vencer as sombras para caminhar.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF, 13 de fevereiro de 2014

Viagens Sentimentais

Amizade e amor...ambos os sentimentos exigem muito de nós. Não ser correspondido, nos dois casos, pode se mostrar devastador. Por isso é preciso encontrarmos uma fórmula pessoal para, nessas situações de não correspondência de sentimentos tão importantes, não sermos magoados num grau de profundidade que nos torne indivíduos irrecuperáveis, empedernidos, empobrecidos emocionalmente para a vida.

Amar é uma viagem sempre arriscada, plena de percalços e tempestades. Decidir empreendê-la , de forma consciente, deveria significar agir com responsabilidade. Somente os mais fortes assumem tal decisão corajosa. Como se atravessássemos as areia de um deserto, percorrendo estepes ou enfrentando ondas gigantes de um oceano em fúria, essas experiências de vida exigem o melhor de nós.

São todas peregrinações íntimas, sem bagagem nem provisões. Expedições de inumeráveis riscos, mas desses roteiros sobre os quais não podemos prever todos os acontecimentos, talvez regressemos vitoriosos.

Não precisaremos dar a volta ao mundo...bastará um pouco de tempo no espaço reduzido de um coração que escolhermos conhecer, para que nos sintamos vencedores...simplesmente por escutarmos confidências sussurradas. Não será necessário viajarmos à lua ou a planetas e galáxias distantes. Terá sido suficiente aceitarmos ouvir o pulsar do silêncio nos impulsos e vibrações do espírito.

Quem sabe estaremos atentos ao raio verde, já experientes em admirar uma aurora boreal. Com tranquilidade, observaremos as estrelas

cadentes, na chuva de meteoros, enquanto aguardamos eclipses e a passagem anunciada de um cometa.

Essas viagens sentimentais não requerem passaportes..., nem pressa, ainda que urgentes, só dependem de nossa disposição amadurecida para o relacionar-se e conviver como seres humanos.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo-SP, 11 de fevereiro de 2012

As Prisões Nossas de Cada Dia

Quando assistimos aos noticiários, lemos jornais e revistas e vemos documentários cinematográficos (como o filme "Justiça") sobre as prisões brasileiras, logo nos sentimos horrorizados com a visão de seres humanos amontoados, atrás de barras e com o olhar perdido, desanimado, em meio a sujeira e promiscuidade.

Essas prisões são um problema urgente que a sociedade, como um todo, precisa resolver, em nome da solidariedade e da justiça.

Mas há outras prisões que devem ser examinadas - também sem demora! Estamos nelas encerrados, sem que nos apercebamos disso! O mundo que nos cerca - com o nosso assentimento ou a nossa omissão - ali nos colocou.

Sobrevivemos em meio aos ditames da moda, a determinar o que vestimos, a dizer qual seria nosso peso ideal, como deve ser nossa aparência e até os lugares que iremos freqüentar... Outros escolhem as cores de nossos sapatos, informam os conceitos de beleza.

Passamos a nos preocupar em fazer o impossível: deter o tempo, em busca da juventude perdida, numa volta ao passado que nos rouba o presente e nos torna cegos para a realidade futura.

Perseguindo sem trégua os bens materiais, perdemos o tesouro maior: sensibilidade, amor, amizade, convivência ética, o trabalho realizado com satisfação, a paz interior. A ambição pelo dinheiro nos enfeitiça de tal modo que a ele sacrificamos o que vale muito mais: o tempo para ser, os momentos de amor, o processo de crescimento como pessoas.

Analisamos as instituições bancárias, entretanto, deixamos de refletir sobre a nossa vida e os nossos atos. A superficialidade não nos incomoda. Não sabemos quem somos, não nos conhecemos... Não entendemos nossos relacionamentos familiares - ou será que temos família?

Como bem denunciou o diretor de teatro Elias Andreato:

"Para o homem comum, olhar para dentro de si mesmo às vezes é uma tarefa quase impossível e tão complexa como observar a imensidão do cosmo.

Nem sempre temos disponibilidade, interesse, sensibilidade e, por que não dizer, aprendizado suficiente para exercer este mecanismo que a psicanálise percorre com maestria."

Ficamos presos ao telefone celular, ignorando as regras de cortesia, perturbando os que nos cercam, prejudicando, inclusive, o silêncio das igrejas e dos hospitais. Usamos o aparelhinho como se estivéssemos isolados, num deserto, a necessitar de socorro. O celular nos domina, controla a nossa conversa.

Algemados a nossos preconceitos, asfixiados por sentimentos de raiva, ódio, inveja e orgulho, sufocados por emoções que não ousamos confessar ou partilhar, vamos conduzindo mal a nossa vida. Nossos bens são motivos de exibição - não os adquirimos por necessidade, mas para mostrá-los...

São as prisões nossas de cada dia, das quais nós temos as chaves para que os portões se abram e nos devolvam à vida!

Que Deus nos conceda a força espiritual para iniciarmos o nosso processo de libertação - Ele nos criou para sermos livres. Não nos esqueçamos de que Jesus padeceu e morreu na cruz para nos salvar.

Essas prisões nossas de cada dia, que nos transformam em objetos aprisionados, verdadeiros "sepulcros caiados de branco", precisam ser destruídas por nós.

E cantaremos, no íntimo de nosso coração, com autêntica alegria cristã: Aleluia, aleluia!

Theresa Catharina de Góes Campos

Meu Pai, o Avião e os Anjos

Meu pai gostava de contar histórias engraçadas quando estava com os amigos e colegas, demonstrando, com palavras espirituosas e riso fácil, como ele apreciava fazer brincadeiras, em diversas situações. Muitos desses casos eram relatos fiéis de episódios e acontecimentos reais. Na infância, já adolescente ou como adulto, não perdia uma ocasião de pregar uma peça inocente, uma armadilha qualquer... Até um comentário jocoso sobre alguém e suas reações inesperadas, uma conclusão humorística, ou mesmo, um pensamento similar à moral das fábulas. Não esquecia uma travessura cometida ainda na infância, durante a Missa dominical em Caruaru, quando prendeu, com alfinetes de segurança, as saias amplas e rodadas, umas às outras, de várias senhoras, que repetiam, entretidas e contritas, em voz alta, as orações litúrgicas.

Em algumas ocasiões, lembrava circunstâncias difíceis, ainda que rotineiras, nos vôos do CAN, o Correio Aéreo Nacional, para atender às populações mais carentes, em tantos rincões brasileiros, ou nos desafios para realizar com eficiência os trabalhos de fotogrametria, ou especialmente, nas missões de busca e salvamento, quando o resgate exigia controle e sangue frio, paciência e habilidade excepcionais.

Não faltavam, também, as experiências na Patrulha do Atlântico, quando serviu em Natal (RN), durante a Segunda Guerra Mundial. E as lembranças internacionais, nos muitos vôos do Correio Suez, uma operação de apoio regular ao contingente brasileiro em missão de paz da ONU, com escalas em Lisboa, Roma e na capital egípcia, Cairo.

Nas viagens com os aviões B-17 e B-25 em que iam aos EUA para revisão e substituição de algumas peças, os pilotos americanos comentavam, surpresos e manifestando admiração, ao verem esses

bombardeiros ainda sendo utilizados, graças à competência daqueles pilotos da FAB: "Aqui, esses aviões são peças de exibição nos museus..."

Sobre acidentes com desfecho trágico, falava pouco, mas sempre, bastante comovido. Sobre a perda de vidas, ele parecia incapaz de comentar...dizia o mínimo...e se refugiava no silêncio. A morte lhe parecia, com certeza, uma realidade para silenciar. Posteriormente, à medida que o tempo passava, manifestava, com referências breves, a saudade do colega de profissão, ou do amigo que se fora, relembrando um fato, destacando uma característica pessoal. Em minutos, logo silenciava, como se não conseguisse mais continuar...começava outro assunto.

Meus irmãos e eu, desde crianças, fomos instruídos por nossa mãe a não falar de temas trágicos, nem dizer a palavra "bruxa" lá em casa, porque significava "morte", na linguagem metafórica dos aviadores. Deveríamos escolher outro antônimo para "fada" ou feiticeira do bem, porque, conforme explicava, "seu pai não gosta, se sente mal."

Mamãe contava sobre como os dois se conheceram: no Rio de Janeiro, na Missa das 9 horas, num domingo. Ela costumava ir acompanhada de uma jovem empregada. Ele, com as irmãs...na verdade, eram suas primas, porque, ao ficar órfão de mãe aos cinco anos, quando a tia-madrinha se casou, ela e o marido o levaram consigo, para educá-lo na família que estavam iniciando. Aos dois, a quem também iríamos chamar de "avós", meu pai deveu a educação do seu caráter bem formado: os valores e a disciplina como rotina de sua existência, o uso responsável do dinheiro, o cumprimento da palavra empenhada.

Para mamãe e papai, a fé religiosa se mostrou vigorosa, praticada de forma habitual, em todos os momentos, nos sete dias da semana. Suas

atitudes, seus gestos e diálogos, revelavam sentimentos sinceros sobre o amor a Deus, a devoção a Nossa Senhora, aos Anjos e Santos.

Um dia, como eu costumava prestar atenção às conversas descontraídas, plenas de humor que meu pai liderava, como um maestro conduzindo o tom dos diálogos, acontecessem em nossa casa ou nas reuniões sociais em outros lugares, me comovi ao saber que, pilotando um avião de grande porte e fazendo uma linha do Correio Aéreo Nacional, houve um incidente grave durante a aterrissagem, por conseguinte, nos instantes e na fase do vôo que aprendi serem os mais perigosos.

Expressando a maior naturalidade, ele recordou que, naquela aeronave com carga total, ao pousar na pista um tanto precária, um dos enormes pneus estourou. Papai sentiu muita dificuldade para controlar o avião, com tanto peso, já experimentando uma sensação de impotência como piloto, quando um segundo pneu estourou. Por segundos, pensou ter uma missão impossível...quando, para sua surpresa, sentiu uma força superior a ele, sustentando, mantendo o equilíbrio de toda a aeronave...Nesse ponto, papai finalizou com simplicidade: "- Se foi Deus, ou foram os Anjos, não sei ao certo. Mas não fui eu que dominei e controlei aquele avião com dois pneus furados! Quando todos desembarcaram, fui olhar... e achei difícil de acreditar no que meus olhos viam: ao examinar cada pneu, encontrei somente alguns poucos, pequenos pedaços de borracha. Não pudemos continuar viagem; restou-nos esperar, sem opção, a chegada de outro vôo, com os pneus substitutos."

Após um momento de silêncio, numa aceitação tácita do relato pelo grupo de ouvintes, pois pareciam atentos e, se não interpretavam da mesma forma que meu pai, escolheram a ele não retrucar...a conversa continuou, os diálogos se sucederam, provavelmente tão

convencionais como de hábito, por isso nada mais registrei na minha memória.

Mas foi com aquele episódio que fortaleci a minha crença nos Anjos. Porque compreendi, também, quão profundamente o meu pai, à sua maneira, conduzia sua vida com fé em Deus...e realmente acreditava nos Anjos e Santos. Assim comecei a crer com maior intensidade nos milagres, como fatos extraordinários que não podem ser explicados por critérios e realidades humanas, e sim, como acontecimentos unicamente explicáveis pela intervenção divina, sendo os Anjos os Seus mensageiros. Quando tudo parece perdido, eles vêm em nosso auxílio...acontecendo os milagres, por incumbência de Deus!

Com aquela narrativa de papai, compreendi, de uma vez por todas, numa atitude espiritual de crença definitiva, que eu tinha a meu lado - sempre -, assim como todas as pessoas, o meu Anjo da Guarda... invisível e silencioso apenas em termos humanos e concretos, porque vivo e atuante, como divino mensageiro capaz de realizar proezas e façanhas para me defender e salvar.

Theresa Catharina de Góes Campos
São Paulo, 7 de julho de 2010

NOTAS:

Demorei a escrever sobre o assunto principal desse texto porque fomos educados por Mamãe e Papai a respeitarmos as conversas dos adultos, orientados a não ouvir o que não deveríamos, nem participarmos desses diálogos, a não ser que um adulto nos chamasse ou nos fizesse uma indagação. Penso que ambos não gostariam de saber sobre esse meu ato de desobediência...e com a agravante de relatar a outros, divulgando sem autorização, o que poderiam

questionar, talvez até me convencendo a duvidar de minha memória. Tenho convicção, arraigada no íntimo, de que reproduzi com fidelidade aos fatos e às palavras, porque cultivei tais lembranças, conservando todas como preciosas recordações, autêntico tesouro de nossa vida familiar.

Mas talvez a maior razão para não registrar esse acontecimento de profunda dimensão espiritual, antes da morte de Papai (2000) e Mamãe (2008), tenha sido meu temor de receber um eventual pedido, de um deles ou de ambos, motivados por um sentimento educado de pudor, para eu não fazer esse relato íntimo sobre meu pai, uma declaração de sua fé, que considero tão comovente e simples quanto verdadeira.

Theresa Catharina

P.S.
Anos depois, li com muito encantamento, confirmando e reforçando minha profunda fé, o livro do pastor evangélico Billy Graham, intitulado "Anjos: Agentes Secretos de Deus", que vendeu mais de um milhão de exemplares nos EUA.
A obra narra as experiências do famoso pregador, com os seres celestiais. Convencido de que nos momentos de grande necessidade foi auxiliado pelos anjos, afirma: A falange invisível de Deus está mais bem organizada do que qualquer exército humano, ou de seres malignos. Os anjos pensam, sentem, têm vontade e manifestam emoções. Eles são agentes divinos que podem agir com formas visíveis ou invisíveis, de acordo com a vontade do nosso Criador. Os anjos guiam, confortam e ajudam os filhos de Deus diante do sofrimento e das lutas terrenas.

Editora: Record

Autor: BILLY GRAHAM
ISBN: 8501011231
Origem: Nacional
Ano: s.d.
Edição: 1
Número de páginas: 135

Uma leitura sobre acontecimentos extraordinários, que vai ampliar nossa visão para a realidade deste mundo... porque abrirá os olhos de nossa alma, sob a perspectiva da espiritualidade, uma força que não deve ser ignorada.
Theresa Catharina
São Paulo, 28 de julho de 2010.

Cortesia É Demonstração de Eficiência

A maneira como tratamos os outros demonstra, na verdade, o que somos: o que sabemos, quais os nossos princípios e nossas linhas de conduta. Assim, no relacionamento com o próximo, podemos refletir a nossa eficiência, como se estivéssemos, constantemente, a promover a nossa imagem. O lamentável, porém, é o fato de muitos se preocuparem em ser gentis, atenciosos e prestativos quando lidam com pessoas importantes, ricas ou famosas. Falar cortesmente a um secretário-geral ou ministro constitui agir corretamente. Mas a prova de nossa competência está no modo como agimos em relação aos mais fracos e abandonados, pois a nossa bondade e as boas maneiras que praticarmos indicarão o nosso respeito à dignidade que existe em todo ser humano, ainda que não ocupe qualquer posição de destaque.

A obrigação ético-moral da cortesia implica uma atitude diária, exercitada mesmo com sacrifício de nossa parte, inclusive para que não permitamos, ao próximo, dirigir a nossa conduta e até mudar nossos ideais.

É preciso resistir, em qualquer circunstância, aos apelos fáceis do embrutecimento diário, que destrói os sentimentos de solidariedade, corrói nossa persistência, amortece nossa determinação de vencer como pessoa humana.

É preciso, mesmo chorando, de sofrimento, revolta e angústia, não abandonar os fundamentos de um bom relacionamento com a comunidade universal. Nos momentos de decepção, ficamos mais expostos e até um pouco cegos quanto à dignidade do próximo. Mas urge persistir na prática quotidiana das boas maneiras, ainda que isso nos pareça uma humilhação desnecessária...Devemos estar conscientes para não perdermos o tesouro de nossa liberdade pessoal para agir de acordo com a nossa consciência, desde que tenhamos sabido, ao longo

do tempo, conservá-la bem formada, e não, simplesmente moldada ao sabor das circunstâncias ou dificuldades que estivermos enfrentando.

Cumprimentar as pessoas, dizer obrigado, por favor, peço desculpas constituem manifestações de eficiência como ser humano e como profissional. Se os outros não percebem, o problema é causado por sua ignorância, falta de prática e de visão, contudo, a incompetência deles não poderá jamais desculpar nossa ineficiência ou nosso descaso por nosso aperfeiçoamento individual.

Durante muitos anos de minha vida eu costumava dizer que a maior qualidade de alguém está no seu caráter...Hoje, falo bem melhor: compreendi que a bondade representa a expressão de um caráter bem formado, que respeita até mesmo a dignidade invisível, o potencial de um indivíduo, sob os mais variados disfarces.

Tratar bem o nosso próximo constitui meta que sempre podemos alcançar, pois só depende de nós, da nossa disposição, da nossa vontade férrea, da nossa determinação de crescer, ainda que os outros procurem, direta ou indiretamente, conduzir a nossa vida por caminhos e opções que não escolhemos.

Temos de nos agarrar a nossos sonhos e defendê-los. Com muito empenho, e paciência, devemos preservar nossos ideais, ou não valerá a pena lutarmos e sofrermos tanto, se tudo isso não tiver uma razão que possamos proclamar aos quatro ventos... Não se trata de sermos quixotescos: é uma questão de autenticidade, pois nenhuma justificativa servirá, para explicar nossa falha na área que fica sob o nosso controle - a esfera pessoal.

Valorizamos nossa imagem pelo modo como reconhecemos outros indivíduos, seus espaços, seus direitos, suas liberdades. Cresço...na medida em que contribuo para o crescimento de meus irmãos, lutando também por suas oportunidades, desfazendo as injustiças ou

denunciando-as, ofertando-lhes as minhas boas maneiras, para que sejam incentivados a agir da mesma forma.

Se nos propusermos essa conduta de civilidade, não teremos a garantia de obter efeitos positivos ou conseguir o que almejamos. Todavia, estaremos deixando a marca de nossa conduta ética, onde quer que trabalhemos ou vivamos, o que representa a nossa contribuição e torna bem visível o nível de excelência que decidimos buscar, em termos pessoais e profissionais.

Nossa cortesia demonstrará nossa competência, apregoará a seriedade de nossas ações, o ideal de nossa vida.

Theresa Catharina de Góes Campos

From: Monaliza Barbosa Arruda

Date: sáb, 9 de fev de 2019

O texto é excelente, descreve muito bem a função da cortesia e seus efeitos positivos na vida das pessoas.

Monaliza Barbosa Arruda

Desapego ao Dinheiro

Sinto uma tristeza profunda ao constatar o quanto são numerosas as pessoas dominadas pelo apego ao dinheiro, de tal modo que, por essa ganância habitual, nem se envergonham de abandonar (ou jamais praticar) o refinamento, a fidalguia de uma cortesia, a simples e acolhedora manifestação de uma pequena gentileza ou um gesto caloroso de bondade...

Sim, é possível fazer do desapego ao dinheiro um exercício rotineiro, sem ignorar a prudência, nem esbanjar ou ser perdulário. Basta que o orçamento pessoal e familiar, que inclui obrigações cívicas e religiosas, fundamente-se em prioridades éticas, com espaço para a generosidade no convívio com o próximo, nas mais diferentes situações.

Quase nunca vale a pena se aborrecer por questões de dinheiro, um instrumento, e não, uma finalidade, um objetivo de vida. A ganância nos transformaria em prisioneiros. A Bíblia, no Antigo e no Novo Testamento, nos alerta sobre esse perigo, para que não sejamos dominados pelo dinheiro, escravos das coisas e dos bens materiais.

Os verdadeiros tesouros, as fortunas que precisamos acumular são as riquezas espirituais.

Dinheiro, propriedades e bens abençoados nunca estão manchados pelo egoísmo.

Quem conhece o desapego ao dinheiro também conhece os benefícios dessa ausência de ganância.

E se consideram ricamente abençoados por Deus! Aleluia!

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília - DF, 15 de março de 2015

De: VICTORIA ELIZABETH BARROS

Data: 20 de março de 2015

Querida Therezita:

Lindo e de muita sabedoria, seu texto sobre a ganância por dinheiro e bens materiais, uma ganância que nos leva à descortesia e ao desamor ao próximo. Suas atitudes demonstram generosidade e nos oferecem lições, aprendidas após vivenciarmos, em nossa trajetória de vida, perdas profundas.

Victoria

De: Elizabeth Fernanda Campos Barros

Data: 20 de junho de 2017

Tia, muito bom este texto, com a reflexão da senhora sobre o "Desapego ao dinheiro".

Gostei muito. Uma lição de vida.

Um beijo da sobrinha,

Elizabeth

Ética no Jornalismo

Ao receber a responsabilidade de cumprir uma pauta, o jornalista assume, também, um compromisso maior: buscar a informação ... para divulgá-la. Com esse intuito, igualmente se conscientiza do princípio maior, fundamental: a veracidade. Daí o seu encargo eminente/iminente: apurar os rumores, as declarações. A rapidez com que se precisa da notícia jamais poderá justificar qualquer negligência em seu trabalho (o que deve ser meticuloso) de apuração. Afinal, o presente e o futuro de pessoas e suas famílias, os seus empregos, a sua dignidade... estão em jogo.

Curiosidade, ser original, chegar à frente são motivações não apenas importantes, como válidas. O perigo da falta de ética se concretiza quando o jornalista decide "esquecer" seus deveres, na condição de pessoa humana e cidadão, ignorando ao mesmo tempo sua posição na comunidade. Resolve que os direitos do próximo seriam secundários, na sua busca frenética da notícia. Permite-se tudo, mesmo consciente dos possíveis prejuízos a vítimas inocentes.

Observa-se que atos de violência contra profissionais de imprensa costumam ser divulgados, quando são, unicamente nos periódicos em que os jornalistas trabalham; os outros silenciam. Por quê? Eticamente, tal atitude não se justifica - é inaceitável.

Theresa Catharina de Góes Campos
Diretora do Sindicato e membro da Comissão de Ética
(Texto publicado no NR, Informativo dos Jornalistas Profissionais do DF.
Brasília - DF, julho de 1997.)

"Rua Santa Gata ... e Outros Espantos" - Livro Mais Recente de Tereza Halliday

Dediquei-me, em tarde agradável, à leitura de "RUA SANTA GATA ... e outros espantos" (Recife, Bagaço, 2014, 63 p) , livro mais recente de Tereza Halliday já me deixando conquistar pelo conto inicial, impagável, sobre o jacaré com o qual a escritora diz ter negociado, permitindo ao animal ficar em sua casa e comer jornais, para saciar "a fome de palavras".

Os versos e os textos em prosa, nessa edição comemorativa pelos 70 anos de vida completados pela autora, oferecem a todos nós um desafio hermenêutico - a partir dos títulos (Os Conselheiros, Os Arautos da Lua e outros). Como leitores, percebemos que nos cabe elaborar uma decifração do que Tereza Halliday nos entrega, fantástica e liricamente, confiando em nossa capacidade de interpretação. Caminhando pelas páginas instigantes, prosseguimos, apreciando a leitura prazerosa.

A escritora continua fiel a si mesma. Comunicativa, mas sem fazer concessões - na linguagem, no tom e nos temas - para modismos intelectuais, nem se deixa enredar por um fácil apelo ao público. Louvável, a sua integridade intelectual, visível até nos "espantos".

Nossa gratidão de leitores, por conseguinte, encontra muitas razões para não ser pequena... Inclusive, pelas qualidades externas da obra, disfarçada, talvez, num quase minimalismo exterior, uma simplicidade que esconde o planejamento profissional.

Apresentação visual impecável, o título original, capa, orelhas e contracapa cuidadosamente concebidas. Em uma das orelhas,Tereza Halliday, em uma linda foto, de cores harmoniosas no conjunto dos

elementos, com sorriso delicado e acolhedor. Na escolha das citações que introduzem o conteúdo do livro, erudição e bom gosto.

A cronologia biográfica tem o seu toque pessoal, o estilo de ironia refinada, uma característica que torna os seus textos, em qualquer gênero, bem interessantes de ler.

E que BIOGRAFIA de impressionantes REALIZAÇÕES INTELECTUAIS, demonstrando uma competência persistente, ano após ano, em todas as funções assumidas, no fôlego e na seriedade dos trabalhos. Um legado excepcional!

Theresa Catharina de Góes Campos

Recife - PE, 01 de janeiro de 2015

De: Tereza Halliday

Data: 2 de janeiro de 2015

Querida Therezita:

Meus agradecimentos por sua generosidade em resenhar meu livrinho e compreendê-lo tão bem.

Não se trata, porém, de uma edição "normal" que interessados possam encomendar às Edições Bagaço. É uma edição particular, encomendada por mim (a parte gráfica ficou muito boa e sou grata à minha editora), de tiragem bem limitada, especificamente destinada a pessoas da família e do meu círculo de afetos. Ainda não completei minha tarefa de enviar aos "eleitos" para recebê-lo.

Pretendo concluir a tarefa carinhosa neste janeiro.

Um amigo perguntou onde poderia comprá-lo para dar de presente. Eu lhe expliquei que não faria um livro desse teor, com aquele anexo da Linha do Tempo, espalhando por aí, entre desconhecidos, dados da minha biografia. Embora, quando estava na ativa, forçosamente tinha de fornecer dados do meu currículo. No livro, a descrição autobiográfica é um desvendamento de informações públicas mas ao mesmo tempo privadas.

Rigorosamente, não há nada no livro que desconhecidos não possam ler. Apenas comentei por sentimento de recato quando ao meu currículo.

Você entendeu bem.

Mais uma vez, agradeço.

Carinhosamente,

Tereza Lúcia

De: Elizabeth Barros

Data: 4 de janeiro de 2015

Tia, eu achei perfeito, este comentário que a senhora fez sobre o livro escrito por Tereza Halliday.

Ficou realmente bem escrito, ela deve ter gostado muito.

Penso que Tereza Halliday também deve apreciar o fato de ter uma amiga como a senhora, que é tão atenciosa.

Beijos, sua sobrinha Elizabeth

De: Tereza Halliday

Data: 5 de janeiro de 2015

Elizabeth,

Peguei seu e-mail na correspondência que você enviou a Theresa Catharina e ela repassou cópia para mim.

A resenha que ela fez do meu livrinho está realmente lapidar.

Encantou-me e fiquei até encabulada.

Therezita e eu conhecemo-nos desde a adolescência, e demos os primeiros passos no Jornalismo juntas, montando o jornal do Colégio de Sâo José - "O Farol".

É uma alegria e uma honra ter continuado no círculo de suas amizades e afetos, depois de tantos anos afastadas pela geografia e pela vida.

Ela é admirável como produtora de textos e grande exemplo de lutadora por seus princípios éticos.

Como amiga, é de uma atenção e gentileza ímpares.

Sinto-me honrada de estar entre suas amigas.

Carinhoso abraço,

Tereza

De: Theresa Catharina de Góes Campos

Data: 5 de janeiro de 2015

Agradeço a correspondência enviada a Elizabeth, tecendo os nossos "laços de cativar"...uma rede entrelaçada que se fortalece, ampliada a cada ano.

Foi um enorme gesto de nobreza de sua parte, estimada Tereza, escrever palavras tão generosas a meu respeito. Quanto à nossa amizade preciosa, desde a adolescência e "O Farol", você acertou em tudo.

Muito obrigada.

Que Deus a abençoe, sempre! Um beijo carinhoso da amiga

Therezita

Reflexões Para os Dias de Hoje

Há mais de seis décadas, tenho a bênção de uma ótima companhia - diversificada nos assuntos e na linguagem, informativa, educadora, me abrindo portas, me convidando a crescer como ser humano: os livros. Textos e versos também me conduzem à apreciação do cinema.

As doenças emocionais e psicológicas aumentam em número e grau de profundidade, tornam-se mais sérias e duradouras porque quase todos se dedicam, com exclusividade, às coisas materiais, de modo especial, a novidades, produtos e recursos eletrônicos, enquanto sistematicamente ignoram o próximo.

Aprecie a vida. Conheça e converse com pessoas - algumas, podem se revelar maravilhosas. A vida é muito mais, vai além do ato de clicar, arrastar, olhar telinhas que nos aprisionam a atenção e diminuem nossos horizontes, reduzindo nossas oportunidades. Se "todos" estão agindo assim, aceitando limitações com facilidade, não se torne outro clone, dê mais significado e qualidade humana à sua existência.

Faço questão de ser...me empenho para não me tornar máquina de copiar. Não quero passar meus dias escravizada. Quero me sentir desconectada de objetos eletrônicos... porque me interesso por seres humanos. Objetivo permanecer conectada a mim mesma, a meu próximo, além de consciente dos ambientes em que eu estiver.

Quero viver como pessoa, e não, como aquela "presença ausente", alienada, acorrentada a um objeto, sem cultivar a sensibilidade, a clicar, aprisionada a uma telinha, cabeça curvada...igualzinha aos outros, inclusive na mesma posição física, com atitudes e postura idênticas a tantos outros!

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília - DF - 09 de dezembro de 2014

ENCONTROS DE METAMORFOSE

Podem ser breves ou longos, os encontros de metamorfose. Mas são definitivos e perenes, no significado tão profundos como aquele momento, na antiga estrada de Damasco, quando Saulo foi derrubado, pela voz de Deus jogado ao chão e pelas palavras perturbadoras "Por que me persegues ?", tornou-se Paulo, cristão convertido.

Lentos, essenciais e perenes, os encontros de metamorfose são aqueles que nos abrem as portas fechadas que trazemos dentro de nós, por nós ignoradas, por nós até ali desconhecidas.

São encontros de simbiose, de amálgama, esses toques talvez pressentidos, esperados, nas surpresas e metamorfoses que nos curam doídas feridas, (aquelas mágoas doloridas...), nos reconciliam no íntimo, nas teias, no âmago arredio, de emaranhado furtivo, fugidio.

Encontros seminais, surpreendentes nos amálgamas, nas simbioses plenas. Ou talvez encontros para decompor, redimir na desintegração sofrida, uma taxidermia nos sentimentos, uma proposta e análise objetiva, que possibilita outros encontros, na aceitação do que rejeitávamos.

Sejam rápidos ou bem tranquilos, fulminantes ou lentamente aceitos, se o coração abracem por inteiro... ou apenas o façam despertar, esses encontros de metamorfose, em suas pegadas, nos astros que em nossa vida nos deixam, revelam a extensão indelével de sua visível permanência.

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília - DF, 13 de junho de 2023

http://www.theresacatharinacampos.com/comp5114.htm

ENCONTROS DE METAMORFOSE

Podem ser breves ou longos,
os encontros de metamorfose.
Mas são definitivos e perenes,
no significado tão profundos
como aquele momento, na
antiga estrada de Damasco,
quando Saulo foi derrubado,
pela voz de Deus jogado
ao chão e pelas palavras
perturbadoras "Por que me
persegues ?", tornou-se
Paulo, cristão convertido.

Lentos, essenciais e perenes,
os encontros de metamorfose

são aqueles que nos abrem
as portas fechadas que trazemos
dentro de nós, por nós ignoradas,
por nós até ali desconhecidas.

São encontros de simbiose,
de amálgama, esses toques
talvez pressentidos, esperados,
nas surpresas e metamorfoses
que nos curam doídas feridas,
(aquelas mágoas doloridas...),
nos reconciliam no íntimo,
nas teias, no âmago arredio,
de emaranhado furtivo, fugidio.

Encontros seminais, surpreendentes
nos amálgamas, nas simbioses plenas.
Ou talvez encontros para decompor,
redimir na desintegração sofrida,
uma taxidermia nos sentimentos,

uma proposta de análise objetiva,

que possibilita outros encontros,

na aceitação do que rejeitávamos.

Sejam rápidos ou bem tranquilos,

fulminantes ou lentamente aceitos,

se o coração abracem por inteiro...

ou apenas o façam despertar,

esses encontros de metamorfose,

em suas pegadas, nos rastros

que em nossa vida nos deixam,

revelam a extensão indelével

de sua visível permanência.

Theresa Catharina de Góes Campos

São Paulo - SP, 13 de novembro de 2012.

De: artemis coelho

Data: 19 de novembro de 2012 12:47

Lindo e verdadeiro. Gostei muito. Artemis

De: Patrícia Gomes

Date: qua., 14 de jun. de 2023

Obrigada pelos ensinamentos destes importantes encontros em nossas vidas. Que possamos aproveitá-los.

Um abraço.

Patrícia Gomes

De: Reynaldo Domingos Ferreira

Date: qua., 14 de jun. de 2023

MOMENTOS DE METAMORFOSE

Em prosa e verso, a jornalista, tradutora, escritora e blogueira, Theresa Catharina, aborda aqui o complexo tema da metamorfose (transformaçao), também desenvolvido pelo escritor tcheco, Franz Kafka (1883-1924), em sua primeira novela (1915), em que ele narra a historia absurditista de Gregor Samsa, que se transforma, numa certa manhã, em um inseto. Como em toda a sua obra, Kafka trata de um tema único, que é o julgamento a que todos os individuos se submetem, em relação aos que com ele convivem, principalmente os seus familiares.

Jean-Paul Sartre sintetiza bem o tema desenvolvido por Kafka, numa simples frase: "O inferno são os outros". Theresa Catharina vê a

questão da metamorfose mais sob o prisma da religiosidade, da conversão, partindo de citações bíblicas. E explica: " Lentos, essenciais e perenes, os encontros de metamorfose sao aqueles que nos abrem as portas fechadas que trazemos dentro de nós, por nós ignoradas, por nós até ali desconhecidas".

Felizes são, portanto, os que encontram, esses momentos de metamorfose, de abertura das tais portas fechadas para encontrarem novas perpectivas e esperanças. Leiam o belo trabalho. Reynaldo Domingos Ferreira

De: Elizabeth Fernanda de Campos Barros

Date: sáb., 17 de jun. de 2023

Gostei de ler novamente este pensamento da senhora.

Sobrinha Elizabeth

De: LUÍZA CAVALCANTE CARDOSO

Date: dom., 18 de jun. de 2023

Belíssimo!

Antoine De Saint-Exupéry Vivenciou Tudo que Escreveu

Pedras, para ele, não eram empecilhos nem obstáculos. Como elementos para edificação de catedrais e a construção do mundo, realizada a cada dia, as pedras de seus escritos se tornam metáforas de profunda riqueza espiritual. Suas palavras nada têm de fantasiosas; recorre a símbolos, porém expressa sentimentos reais, formulados na sinceridade de seu coração.

Antoine de Saint-Exupéry (1900 - 1944) vivenciou tudo que escreveu: livros, cartas, versos, artigos jornalísticos na Espanha e na Rússia.

"O Pequeno Príncipe" também registra suas experiências de vida, como piloto, escritor e amigo.

Mente sensível, a refletir com profundidade sobre temas essenciais, cada frase de Saint-Exupéry nos comove e toca lá no fundo, em dimensões emocionais cujo significado desconhecíamos. As metáforas repetidas sintetizam o pensamento filosófico do autor, determinado a fazê-las presentes na realidade vivenciada por seus leitores.

Profissional, como escritor e piloto, sofreu incompreensões, calúnias e perseguições literárias. Como isso tudo lhe deve ter sido doloroso!

Não elogiava a coragem, porque exaltava a doação, o sacrifício, a substância; os laços eram enriquecimento interior do espírito, de significado amplo. Denunciava a desordem, a confusão da guerra, mas experimentava a paz na simples partilha do pão, que ele reconhecia também como alimento espiritual da comunidade. Enfatizava a importância do devir, sem aceitar o determinismo do futuro. Compreendeu que derrotas e vitórias são palavras merecedoras de

reflexão, para delas se extrair o verdadeiro significado, em cada circunstância, se vergonhosa ou merecedora de exaltação.

Ao escrever o texto "Uma exortação à paz", propôs, no final, "que a fé no progresso também enobreça a paz." Interpretei que necessitamos realizar esse enobrecimento para que a paz não venha a representar apenas covardia, medo, egoísmo, omissão...

No solo e no ar, os pilotos e personagens de Saint-Exupéry, incluindo ele próprio, mostram-se atentos às estrelas. A prosa do herói francês, pioneiro das linhas aéreas, voo noturno e correio aéreo, alinha-se ao comportamento descrito nos versos de Olavo Bilac: "Ora (direis) ouvir estrelas! Certo, / Perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto, / Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto /

E abro as janelas, pálido de espanto..."

Aviador, jornalista e piloto de guerra, ele enxergava as ligações entre os homens, em seus livros exaltadas, visíveis nos sacrifícios, sofrimentos e na doação de si mesmos. Portadores de correio precioso em voos noturnos, mensageiros e "pastores de estrelas", como liricamente se expressou. Embaixadores de algo superior a eles.

"Ao morrer levava, sem se dar conta disso, as mãos cheias de estrelas." (Cidadela)

Reafirmou esse conceito das ligações entre os homens em "Cidadela", ao definir com precisão, objetivamente:

"Onde se diz que há egoísmo, o que sempre encontramos é mutilação. E aquele que anda por aí sozinho a dizer:

"Eu, eu, eu," como que anda ausente do reino. Assim a pedra fora do templo, ou a palavra seca fora do poema ou aquele fragmento de carne separada do corpo."

Na mesma obra, publicada após sua morte, exaltou a colaboração:

"A pedra não tem esperança de ser outra coisa que não pedra. Mas, ao colaborar, ela se congrega e se torna templo."

Saint-Exupéry buscou sem cessar o essencial, ressaltando se preocupar em definir o que seria. Um verbo de sua preferência para elogiar ações humanas é "construir".

Em "Cidadela", o autor argumenta que as orações não têm resposta porque Deus não é um escravo das vontades humanas, ao mesmo tempo que vê o trabalho também como prece.

A repetição dessas reflexões demonstra a relevância dos temas que são primordiais em sua obra. O teor de sua Prece da Solidão surpreende, na beleza e pungência das palavras mais simples. Desvela a dor maior dos solitários...

Aceita o sofrimento como um caminho para o aperfeiçoamento espiritual. Adverte que ninguém pode ser responsável somente por vitórias. Quem é vitorioso precisa assumir a responsabilidade igualmente pelas derrotas. Ele não quer receber provisões, mas promessas. Identifica com segurança o que significa instrumento, caminho e passagem...para que aconteça a transformação em algo maior que si mesmo. Como o trabalho das idosas, no exemplo registrado em "Cidadela" - tecem panos para as celebrações na igreja, que se tornam oração. Com certeza, essa busca espiritual o inspirou a chamar os pilotos do correio aéreo e do voo noturno, em seu arriscado trabalho pioneiro, de "pastores de estrelas", imagem lírica portadora de sentimentos místicos.

O escritor e aviador Antoine de Saint-Exupéry jamais se cansou de elogiar, liricamente, em muitas páginas de seus livros, a figura do jardineiro.

Escreveu: "Odeio sua virtude de robôs. Quanto a mim, nasci para ser jardineiro." (Et je hais leur vertu de robots. Moi, j'étais fait pour être jardinier. Saint-Exupéry)

Interpreto como elogio dirigido aos que cultivam um jardim em sua vida - eis uma metáfora, abrangente e aberta, àqueles dedicados a cultivar o caráter, os estudos e as realizações. Assim constroem uma vida abençoada pela riqueza interior.

Olhos que viram uma guerra nunca mais serão os mesmos...talvez se recusem a ver superficialmente, porque valorizam o essencial. Penso que nessa experiência pessoal de "Piloto de guerra" (1942), com a pátria invadida, submissa e humilhada, esteja a gênese do que Antoine de Saint-Exupéry escreveu em "O Pequeno Príncipe" (1943), sua fábula pungente: "Os olhos são cegos. O essencial é invisível para os olhos. É preciso procurar com o coração."

Lembro ainda que os conflitos bélicos terminam, teoricamente, nos tratados assinados entre países, mas os traumas interiores, os conflitos íntimos, as tragédias pessoais e familiares continuam a existir no coração humano.

Em todas as suas obras (O Aviador, Correio Sul, Voo Noturno, Piloto de Guerra, Terra dos Homens, Carta a um Refém, Cartas à sua Mãe, Cartas à Juventude, O Pequeno Príncipe, Cidadela, Anotações - 1935 - 1939, Um sentido para a vida), inclusive nas reportagens que fez na Rússia e na Espanha, encontramos a valorização do "encontro", como experiência humana que envolve amizade, laços de convivência, plano divino, sentimentos de afeto e amor.

Compreendeu que "viajar é transformar-se interiormente." (Correio Sul)

Foi muito preciso ao definir, em sua magistral "Cidadela", usando apenas três substantivos comuns:

"O amor é o exercício do coração."

Com a palavra "exercício", ressaltou o dinamismo e a repetição, requisitos para a continuidade e permanência do amor.

Saint-Exupéry não se deixava monopolizar pela ciência que seduzia a muitos com seus avanços tão apregoados. A sabedoria o embevecia, o que confessava explicitamente. Ele acreditava no sorriso, no toque da graça, no sonho, no milagre e na poesia. Aliás, as palavras milagre e amor abundam em todos os seus textos.

Em várias ocasiões, arriscando a própria vida, Saint-Exupéry demonstrou habilidade ao negociar e conseguir resgatar alguns pilotos, mantidos reféns pelos mouros sob ameaças de morte, por tribos árabes sublevadas, no deserto do Saara. Por esses atos de negociação corajosa e competente, foi condecorado pela França com o grau da Ordem Nacional da Legião de Honra. Em 1929, ao se tornar diretor da empresa de aviação postal argentina, descobriu novas rotas, fez acordos de travessia e ainda liderou missões para resgatar aviadores em situação de risco.

Na vida do próximo, ele encontrou sentido e direção para a própria existência, rica em ousadia, criatividade e recolhimento. Uma vida breve, que se tornou plena em realizações e reflexões preciosas.

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília - DF, 14 de julho de 2021

Ler também:

'Piloto de Guerra' mostra que Saint-Exupéry não foi autor de uma obra só

DE SÃO PAULO

26/09/2015

https://www1.folha.uol.com.br/guia-de-livros-filmes-discos/2015/09/1684409-piloto-de-guerra-mostra-que-saint-exupery-nao-foi-autor-de-uma-obra-so.shtml

---

https://www.abul.org.br/biblioteca/85.pdf

Da Importância de Escrever Com Esperança

Em agradecimento aos comentários generosos sobre meu texto

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY VIVENCIOU TUDO QUE ESCREVEU

http://www.theresacatharinacampos.com/comp9266.htm

venho apresentar algumas considerações sobre escolhas de temas, valores e linguagem por mim assumidas.

Tenho consciência do embrutecimento das sociedades atuais, como bem lembrou o escritor e jornalista Reynaldo Domingos Ferreira. Saint-Exupéry também reconhecia os sintomas da desumanização, entretanto, ofereceu aos leitores do mundo a riqueza espiritual de seus sentimentos pessoais.

Comecei a ler e admirar o piloto e escritor francês quando eu, ainda menina, com nove anos, de meu pai recebi para leitura dois livros, onde ele havia escrito, na primeira página, seu nome completo (Fernando Salvador Campos) e "Campo dos Afonsos, 1943".

Até hoje esses exemplares estão comigo: " Terra dos Homens" (1939) e " Piloto de Guerra" (1942), obras que muito me comoveram. Depois, conheci "O Pequeno Príncipe" (1943). Logo vieram os outros títulos, seguidos de ensaios e artigos sobre Saint-Exupéry. Aos 15 anos, "Cidadela" (1948) tornou-se meu "livro de cabeceira".

Escolhi escrever guiada pela esperança, sempre, ou não valeria a pena escrever. Mesmo quando redijo textos críticos, controvertidos ou denunciadores, a visão esperançosa se faz presente.

Cora Coralina ensina: " Se a gente cresce com os golpes duros da vida, também podemos crescer com os toques suaves na alma."

Nos relatos de tragédias, desabamentos, explosões e naufrágios, há comemoração no resgate de sobreviventes. Em muitos casos, a salvação foi possível porque essas pessoas encontraram "bolsões de ar" que lhes permitiram respirar longas horas, enquanto corajosamente esperavam pelo resgate.

Quem aprecia meus escritos são, para mim, como "bolsões de ar" ao longo dos caminhos que vou percorrendo. Clarabóias da esperança, réstias e fachos de luz. Leitores que me abrem janelas. Vitrais de igrejas, catedrais construídas com amor.

Muito obrigada pelo incentivo.

Theresa Catharina de Góes Campos

Brasília - DF, 21 de julho de 2021

Com gratidão, reproduzo, a seguir, os comentários generosos que recebi sobre o artigo:

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY VIVENCIOU TUDO QUE ESCREVEU

http://www.theresacatharinacampos.com/comp9266.htm

De: Reynaldo Domingos Ferreira

Date: qui., 15 de jul. de 2021

Belo artigo sobre Antoine de Saint-Exupéry, prezada amiga, Theresa Catharina. Parabéns!...

É uma pena que o embrutecimento das sociedades atuais, tanto, na França, quanto aqui, no Brasil, impeça o surgimento de personalidades, como a dele, e a de George Bernanos. A riqueza espiritual, que você exalta, no autor de " O Pequeno Príncipe ", infelizmente, vai-se tornando, cada vez, coisa muito rara, quase peça de museu. O mundo atual, lamentavelmente, não comporta mais atitudes inspiradas nos exemplos que ele deixou.

Pois, de fato, como observa Michel Maffesoli, emérito professor de Sociologia, da Sorbonne, " pouco a pouco, se dissipam as quimeras estranhas à experiência, essa vida empírica, que, ao longo dos séculos, se erigiu, a partir do bom senso e da correta razão, reunidos. Quimeras originárias de teóricos da emancipação e de diversos sonhadores, que negam o que é do que " deveria ser". Mas, de qualquer forma, é inegável que vale sempre a pena lembrar, pois nos é alentador, as luzidias lições, que nos foram dadas, num mundo, que já se foi, por Saint-Exupéry, como você o faz, neste magnífico artigo.

Forte abraço, Reynaldo D. Ferreira

De: Reynaldo Domingos Ferreira

Date: qui., 15 de jul. de 2021

A Theresa Catharina,

Os cumprimentos, em anexo, do Anderson Braga Horta. Forte abraço, Reynaldo

"Tem razão, Reynaldo. É um belo artigo.

Cumprimentos à autora.

Abraços

Anderson"

De: Reynaldo Domingos Ferreira

Date: sex., 16 de jul. de 2021

Prezada Theresa Catharina,

Eis mais um elogioso comentário, este de uma também prezada amiga, aposentada do Banco Central, Márcia Rosa, sobre o seu memorável artigo sobre Antoine de Saint-Exupéry. Forte abraço, Reynaldo

Amigo Reynaldo,

É impossível não me manifestar diante desse artigo belíssimo da Theresa Catharina sobre Antoine de Saint-Exupéry. Fiquei embevecida! O olhar dela sobre ele é extremamente sensível e inspirador. Há muito o que se aprender com ela também. Acho sinceramente que todo mundo que se proponha ler o "Pequeno Príncipe" ou qualquer outro livro de Saint-Exupéry deveria ler esse artigo da Theresa.

Seja o portador do meu parabéns e da minha admiração por tão inspirado artigo que muito me comoveu. Sigo com bem menos talento, mas obstinada em cultivar o "jardim da minha vida" de maneira a colher um dia belas flores.

Abraço,

Márcia Rosa

De: Elizabeth Fernanda de Campos Barros

Date: sex., 16 de jul. de 2021

Obrigada, Tia, por este e-mail com seu texto tão rico sobre Saint-Exupéry.

Um beijo, da sobrinha Elizabeth

Obrigada pelo texto sobre

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY VIVENCIOU TUDO QUE ESCREVEU,

http://www.theresacatharinacampos.com/comp9266.htm

contendo informações para mim inéditas.

Agnes Marta Altmann

Obrigada por compartilhar o texto de sua autoria sobre Saint-Exupéry. Em tempos tão difíceis, é muito bom falar de “milagre e amor”, o que ele fazia com maestria.

Dra. Sheila Fernandes Rufino Lopes, advogada, analista jurídica no STM

De: Ceres Nogueira Lustosa

Date: seg., 26 de jul. de 2021

To: Theresa Catharina de Goes Campos <theresa.files@gmail.com>

Theresa,

Obrigada pelo material encaminhado.

(...) excelentes, os comentários tecidos sobre o escritor e piloto Saint-Exupéry.

Continue escrevendo e divulgando as matérias redigidas. Você escreve muito bem e tem conteúdo.

(...)

Ceres Nogueira Lustosa, advogada

De: Reynaldo Domingos Ferreira

Repassando, a repercussão do belo artigo, escrito pela jornalista Theresa Catharina de Góes Campos, sobre o sempre admirado

escritor e piloto Antoine de Saint-Exupéry.

Da importância de escrever com esperança

- Theresa Catharina de Góes Campos

Em agradecimento aos comentários generosos sobre meu texto

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY VIVENCIOU TUDO QUE ESCREVEU

http://www.theresacatharinacampos.com/comp9266.htm

http://www.theresacatharinacampos.com/comp9274.htm

Conversa na Madrugada, Esperando a Hora do Trem

Estávamos sentados na varanda de uma residência, em Água Preta, um lugarejo onde a família nos oferecera hospitalidade, em apoio ao movimento estudantil do qual fazíamos parte, como líderes da entidade estadual pernambucana. Conversávamos baixinho, para não perturbar os donos da casa, nossos anfitriões, de quem já nos tínhamos despedido, com palavras de agradecimento, pois precisavam dormir e, no dia seguinte, realizar os seus trabalhos rotineiros.

Dulce, Ricardo e Paulo Gileno, assim como eu, tentávamos não adormecer, apesar de muito cansados, porque o trem passaria de madrugada, antes do alvorecer, e precisávamos regressar a Recife. Aquelas horas no alpendre, tão agradáveis, apesar da fadiga, foram momentos de confidências partilhadas na maior confiança. Quando um cochilava, os outros ficavam atentos...

Ali, no alpendre, éramos jovens idealistas, unidos também pela amizade... às vezes amadurecidos e fortes, outras vezes, bem frágeis...).

AS VEIAS INVISÍVEIS DO CORAÇÃO

Onde e como tocar

as veias invisíveis do coração?

Cadê o mapa, cadê?

Sei não, como chegar

a meu coração descontrolado...

Onde estão os caminhos?

Quem tem os roteiros,

as palavras e os cantos?

Ele não sabe, nem eu...

Nem eu sei ! Sei não...

Como vou saber?

Já vou logo dizendo

que não sei mesmo

o coração decifrar.

Se o coração vive escondido,

só perguntando, sem responder,

como se pode qualquer coisa saber

dessas veias invisíveis

que os olhos não vêem,

as mãos desconhecem?

É muito mistério, enigma demais

pra minha cabeça inquieta,

que vive se recusando

a brigar com o coração!

Por que tanto medo de enfrentar

quem não se vê nem ao luar,

nem quando o sol chega

para também tentar?

Por que a mente não esclarece,

não abre o caminho?

Sei não, sei não...

Eles não sabem, nem eu!

Como chegar a uma decisão,

fazer um mapa, um roteiro,

se o coração não fala,

só faz bater, bater,

pulsar, pular como louco,

sem nada para dizer,

tão escondido como a semente

do fruto, da árvore e da flor?

Sei não, é mistério...

Ela não sabe, nem eu...

Se ninguém me contou...

nem chave eu recebi

para abrir a tal porta

que se diz haver no coração,

como vou encontrar

essas veias invisíveis do coração?

Como eu saberia,

se não vi mapa nem roteiro

dessas veias invisíveis do coração?

Sei não, sei não, acho que não...

Acho que sim, ou não sei não...

Vá desistindo de me pressionar

porque não adianta insistir...

Não tenho resposta

porque nem há como perguntar!

Sei não, não sei mesmo...

Estou ainda por descobrir

se há música escondida

nos meandros do coração.

Talvez sim, talvez não,

vou apurar os ouvidos...

Nada sei, reconheço,

sei não...sei não...

Se tantos não sabem

o coração decifrar,

como vou eu saber?

Acreditem: eu também não sei!

Eles não sabem, nem eu!

Deve ser mesmo muito difícil,

em qualquer idade e lugar,

um coração entender!

Theresa Catharina de Góes Campos

Água Preta, Pernambuco, fevereiro de 1962

From: Milza Guidi

Date: sáb, 9 de mar de 2019

Parabéns, Theresa, pelos seus lindos versos juvenis!

Milza Guidi

From: Maria do Carmo Pereira Coelho

Date: qui, 7 de mar de 2019

Lindo demais!

Um abraço!

Maria do Carmo

From: Hercilia Lopes

Date: sex, 8 de mar de 2019

Muito lindo, amiga.

A Fonte (miniconto)

Um dia, quando cheguei à fonte que me encantava com a sua música, percebi que a água havia sido envenenada.

Quem fizera essa maldade não deixou rastro visível.

Esperei ali, sedenta, que alguém dotado de poderes por mim desconhecidos, purificasse aquela fonte que me dava forças para viver.

Dali não me afastei, para esperar o milagre.

Comigo eu trazia algumas sementes, umas poucas flores já ressecadas e duas tâmaras ainda frescas.

Seriam insuficientes, para me manter junto a um poço envenenado, aguardando um milagre: a fonte voltar a cantar com suavidade incessante. Esses poucos recursos seriam "insuficientes", me repetiam alguns viajantes, que de mim se aproximavam e logo se afastavam do local, porque tinham muita pressa.

Mas aquele tesouro que eu trazia comigo, um alforge aparentemente inútil para tantas outras pessoas, era tudo que eu precisava...para a longa jornada, aguardando junto da fonte envenenada, à espera do milagre.

Seria suficiente, com certeza, porque eu não me sentia sozinha, nem despojada do mais essencial: esperança e fé me faziam companhia. Para a longa, silenciosa vigília, esperando a água da fonte voltar a cantar...

Theresa Catharina de Góes Campos

De: Ruth Rosa

Data: 29 de julho de 2013 02:03

Amiga, obrigada por me enviar este belo miniconto: "A Fonte".

Gostei muito, senti na alma a sua sensibilidade, deixando-me comovida. Pensei comigo; só poderia ser escrito por uma pessoa muito amada por Deus.

Um beijo no coração e tenha bons sonhos.

Sua admiradora e amiga Ruth Rosa.

De: Aparecida do Carmo Guimarães Carlos

Data: 30 de julho de 2013 21:04

Querida D. Thereza Catharina:

Minhas felicitações por este seu lindo conto.

Com certeza, em nossas vidas temos que estar amparadas pela fé e esperança de que sempre o melhor irá nos acontecer.

Um abraço carinhoso de

Carminha

Posfácio

A Estrela de Natal e os Anjos Disseram...

(MINI-CONTO NATALINO, dedicado à Professora de Administração Vera Lúcia Faria Corrêa Teixeira)

A Estrela de Natal contou primeiro aos Anjos... e os Anjos tomaram uma decisão. Apressaram-se em relatar a Deus... a Professora Vera estava afirmando por aí que nunca escrevera um livro, que gostaria muito de saber fazê-lo, etc.etc.

Deus sorriu, com a Sua benevolência de sempre, e lhes deu uma informação que mudava toda aquela história:

"─ Ora, fiquem sabendo que tudo isso é modéstia da mestra. Ela e seu marido, o Professor Flávio, são os autores de uma admirável trilogia.

Eis os títulos das obras: Maria Cristina, Denise e Ricardo. O que mais a Professora Vera quer escrever?

E ainda há outros livros, bem especiais, surpreendentes, que devemos registrar: os mini-contos, os netos do casal!"

Os Anjos , então, voltaram a sorrir. Confiantes na palavra do Senhor, saíram de novo apressados, mas dessa vez porque precisavam explicar à Estrela de Natal sobre como interpretar, de forma mais profunda, a modéstia da Professora Vera.

Estavam aprendendo, na verdade, a compreender as palavras e manifestações dos seres humanos.

Theresa Catharina de Góes Campos
Brasília-DF, 17 de dezembro de 1987

MEU PAI, O AVIÃO E OS ANJOS

Crônicas e artigos

Theresa Catharina de Góes Campos

SOBRE A AUTORA:

Theresa Catharina de Góes Campos nasceu em Natal - RN, em 13 de janeiro de 1945.

Escritora, poetisa, jornalista e blogueira, é também a editora dos sites:

www.arteculturanews.com
www.noticiasculturais.com
www.theresacatharinacampos.com